



Diario de Lisboa
11-Avença-01
Biblioteca Central de Lisboa

Diario de Lisboa

N.º MANZANAES DE SEQUEIRA ADMINISTRACAO - Rua da Rosa, 57, 2. ^o Endereço Telegrafico: DIBOA	DIRECTOR JOAQUIM MANSO	Propriedade da RENOVACAO GRAFICA Redacção, composição e impressão RUA LUZ SORIANO, 44 TELEFONES - 2 0271, 2 0272 e 2 0273 Endereço telegrafico: DIBOA
--	----------------------------------	---

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

UM PROBLEMA NACIONAL

Algumas bases para a organização das industrias de pesca nacionais

JA «Diario de Lisboa» se referiu a este assunto: a conveniencia de as escolas ou internatos, e especialmente os de meninas, serem instalados em edificios com unidade, ou concentrados numa area vedada naturalmente, de modo que as crianças não corram o perigo de ser atropeladas quando atravessam a rua para irem de um edificio, onde estão por exemplo as camaratas ou outras dependencias, para o das aulas, que ás vezes ficam longe.

E' este ou era o caso de um colegio do Campo Grande, respeitavel é certo, com sentido religioso, e que dali vai mudar. Foram ou não ser satisfeitas as reclamações nesse sentido feitas por varias pessoas.

A Inspeccao Escolar reprime os abusos desta natureza, pois não basta um colegio bom; é necessario que ele dê garantias ás crianças internadas, sejam pobres, sejam de familias remediadas ou afortunadas.

Dir-se-á que em Lisboa não ha muitos edificios em boas condições. Talvez. Mas, na impossibilidade de se construir, propositadamente, adaptem-se ou aproveitem-se os existentes.

INSTIMAVEL serviço presta a Livraria Sá da Costa ao publico erudito ou simplesmente prazenteiro dos assuntos de literatura olissiponense, publicando a obra do falecido e benemerito J. J. Gomes de Brito «Ruas de Lisboa», notas para a historia das vias publicas lisboenses.

Esta obra postuma meritoria é publicada sob a direcção e revisao do sr. dr. Antonio Baião, director do Arquivo da Torre do Tombo. O primeiro volume, letras A a L, apresenta um prefacio elucidativo e põe em relevo o grande merecimento deste trabalho erudito e de paciente investigacao.

E' AMANHÁ que se inaugura na Academia das Ciencias, o Instituto de Alta Cultura Luso-Brasileira, com uma sessão solene a que assistem o chefe do Estado, o presidente do Conselho, o Corpo Diplomatico e numerosos convidados.

A cerimonia deve revestir-se do maior brilhantismo. A fim de preferir o discurso inaugural do Instituto, chega hoje a Lisboa o grande escritor brasileiro dr. Afranio Peixoto, ao qual está preparada uma afectuosa recepcao.

MAIS um episodio da vida agitada do coronel Lawrence. Numa hora em que os creditos da espionagem baixam sensivelmente, afectando a propria literatura da especialidade, este homem extraordinario insiste em assegurar, para a sua historia, uma atmosfera de romanesco e de misterio.

Da sua vida e da sua accao, bem pode dizer-se que foram consumidas na defesa duma causa pouco propicia á conquista da gloria.

Nos artigos anteriores focamos as principais deficiencias de aparelhagem e processos da nossa pesca, na preparacao e distribuicao do pescado, que determinam a menor abundancia deste, a sua irregular qualidade e o seu maior preço. Não nos referiremos especialmente á pesca do bacalhau e ao seu comercio que tem beneficiado já da atencao dos poderes publicos e mercantil cuidadoso estudo a commissoes oficiais. Como dissemos, pensamos que o seu problema deve ser integrado no problema geral da pesca nacional, como o seu ramo que mais importa á economia portuguesa, tamanho e o consumo e, al de nós! — a importacao de bacalhau estrangeiro em Portugal!

Na apressada indicacao das principais bases para a organizacao da Industria da Pesca Nacional, fariamos as distincções julgadas necessarias sempre que a industria da pesca do bacalhau apresentasse modalidades diversas da pesca indigena, se pudessemos descer a permenorizacoes incompatíveis com a extensao e natureza destes artigos. Não se fixa aqui qualquer doutrina original. Tão somente se procura ordenar, de acordo com um mais vasto criterio pratico, — oxalá não erremos — disposicoes dispersas e material de valiosos projectos que visam a e definindo solucoes uteis, não conseguirem até hoje eficaz realizacao que, dum momento para o outro, podem ter.

Em materia de «assistencia» deu já o Estado aos armadores da pesca do bacalhau a ajuda financeira tornada necessaria, em horas de maior crise. De 1931 a 1933 a quantidade de bacalhau pescado por barcos nacionais subiu de 3.699.251 quilos a 7.713.312 quilos. Procurou-se tambem regular o comercio nacional do bacalhau contra a concorrencia estrangeira. (Decreto 33.988 de 5-6-1934.) E conseguiu-se obter receita para auxiliar a construcção de novas unidades de pesca bacalhoeira.

De mais se reconheceu, porém, ha muito, a necessidade duma assistencia e intervenções correctoras de maior alcance, interessando ao mais vasto rendimento de todas as nossas industrias de pesca, e visando o melhor armamento e apetrechamento dos nossos barcos, o melhoramento dos nossos processos, a preparacao, a conservacao e a distribuicao, nos mercados internos ou externos, das especies pescadas.

Medidas reguladoras das operações dum determinado comercio, ou a criaçao de consorcios visando uma ou outra forma das nossas industrias de pesca, só valerão pelo beneficio que trouxerem á nossa economia em geral ao consumidor, ao produtor e ao distribuidor. Mas não deveriam essas medidas decorrer e efectivar-se em funcao de solucoes mais vastas e organicas? Que motivos se opõem á constituicao dum vasto consorcio em que entrem obrigatoriamente todas as companhias, empresas e individuos que em Portugal se dedicam á industria da pesca e actividades correlativas? Ou, se a palavra consorcio implica o

significado de solucoes que incompletamente, sob o ponto de vista da utilidade geral, servem o interesse total da grel, por não atenderem igualmente a os dos consumidores e a os dos produtores — porque não fazer-se a reorganizacao das industrias de pesca nacionais em termos de se garantir a uns e outros, como ao Estado — todos os beneficios que somados contribuirão para a maior saude e desafogo nacionais?

Esse plano de organizacao teria como principal funcao: orientar todas as operações da industria de pesca nacional no sentido desses maiores beneficios. Ao Estado competiria inicialmente:

— A iniciativa e os encargos da aparelhagem moderna dos nossos principais portos de pesca; a montagem de entrepostos frigorificos, estações de secagem artificial, melhoramento do serviço de transportes, etc...

Ele estabeleceria, conforme os trabalhos duma grande commissao de estudos, o plano de renovacao e correctoes a fazer no armamento, apetrechamento e processos das empresas industriais de pesca, fixando os termos e o tempo em que deviam ser executados, assegurando ás empresas, por empréstimos a longa amortizacao e ao juro baixo, os meios financeiros necessarios a essa renovacao de material e correctao de processos.

Criando a assistencia tecnica e a fiscalizacao julgadas necessarias, curaria de aumentar a capacidade tecnica do pessoal ao serviço das industrias da pesca, garantindo ao pessoal, como ao material, um seguro eficaz, as compensacoes e a protecção exigíveis pelas condições e perigos da sua actividade no mar.

Para ampliar a tonelagem da nossa frota de pesca e o seu melhor apetrechamento — atribuiria premios aos construtores de navios modernos, concederia regalias especiais ás empresas que mais depressa actualizassem a sua aparelhagem.

Facilitaria a construcção ou compra de navios proprios para a pesca de arrasto do bacalhau, na medida que tal fosse julgado util — diminuindo das cifras de importacao do bacalhau estrangeiro;

Criaria os organismos necessarios para a fiscalizacao e regularizacao das operações de pesca, distribuicao e venda do pescado como para a aquisicao, pelas empresas de pesca, do material de apetrechamento, nas melhores condições de qualidade e preços;

Concederia isencao de direitos ao material destinado á preparacao e conservacao do pescado pela secagem artificial ou pelo frio.

As estações officiais estudaram e fixaram já os termos em que deve efectivar-se essa organizacao. Tudo leva a supô-lo. O governo não hesitará em dar-lhe realidade, se assim for, como cremos que ela abraçará todas as modalidades da nossa industria de pesca, que se sômente a da pesca do bacalhau.

ANGUSTO CASIMIRO

(Ver continuacao na 4.ª pagina)

A CERCA da emigracao indo-portuguesa das velhas conquistas, o sr. dr. Adolfo Costa, do Conselho do Governo da India Portuguesa, fez ha meses em reuniao daquele Conselho algumas consideracoes interessantes, a que se reporta no ultimo numero do «Boletim da Agencia Geral das Colonias»:

«A nossa emigracao traz como consequencia o permanecerem inculcadas muitas terras das Novas Conquistas. São os concelhos das Velhas Conquistas (Ilhas, Barde e Salcete) que dão maior contingente para a mesma emigracao.

Como explicar o facto de ser sobretudo dos concelhos das Velhas Conquistas que o indo-portugues emigra?»

E adiante:

«Destruida Baçaim, sob os escombros da qual ficaram milhares de familias portuguesas, perdidos Cochim, Cellaõ e outros pontos da Costa do Malabar a colonia portugueza; procurou fixar-se em Goa. O espirito de aventura, no entanto, para aqui foi trazendo lusitanos da mais alta estirpe. Eles formavam, nesta terra, o tipo do sistema colonial aristocratico e militar, condenado quasi fatalmente a deixar de cumprir o seu destino historico desde que lhes faltassem condições para o procedimento dentro do seu caracter aventureiro e militar. E seu caracter aventureiro e militar, para que essas condições faltassem, concorreram o decreto da extincção do Exercito, em 1871, e varias leis posteriores, ainda nos ultimos tempos. Não sou eu que o digo. E' o capitão de mar e guerra europeu, Oliveira Mascarenhas, é o official superior de Cavalaria, Cristovam Aires, é o publicista indiano, insuspeito, Cristovam Pinto, em livros por eles publicados.

Sem que se protegesse a colonizacao dentro do seu caracter, é claro que o que por ali resta, é um pobre retalho de étnica lusa que, em face do momento actual e do criterio seguido, não tem condições de ressurgimento para uma fixação permanente.

O GRANDE paquete francès «Normandie», maraviilha da construcção naval, faz em breve a sua primeira viagem do Havre para Nova York.

A madrinha do belo navio é a esposa do presidente da Republica, «madame» Lebrun, que fulgou de seu dever não apenas presidir á cerimonia do baptismo, mas tomar lugar para a primeira viagem do «Normandie», que deita 30 milhas normais á hora. Com a esposa do presidente vão sua filha e sua nora.

A verdade é que todos os paises, ao mesmo tempo que, por defesa e por dever nacional, cuidam da marinha de guerra — tratam tambem com carinho, com a protecção do Estado e até com a sua assistencia financeira directa ou indirecta, da marinha da paz, isto é: da marinha mercante.

Deitar ao mar um «Normandie» é um acontecimento tão grande como deitar ao mar um couraçado de 40 mil toneladas — fortaleza flutuante.

PARTE no dia 24 para Londres, onde vai realizar uma exposicao de aguarelas e desenhos, a illustre artista Raquel Roque Gameiro Oitolini.

BURLA DE 3.000.000\$00

Se, director:—A grande maioria da Imprensa publicou um documento, da autoria do dr. Traciano Tarroso, que se inculca advogado de Alberto de Miranda Pombo, um dos arguidos no processo crime de os antigos socios da firma «Quintino, Silva & C.ª L.d.» moveram contra este, sua esposa D. Ana F. de Miranda Pombo e dr. Claudio Olimpio Dias Antunes, que aduella a verdade e induz em erro a opiniao publica.

Sou eu, quem dirige, como advogado dos queixosos, o processo e ate esse momento temo limitado toda a minha accao a fornecer a Policia de Investigacao Criminal de Lisboa os elementos de prova, que reputo indispensaveis a demonstracao de que e verdadeira toda a materia da queixa.

E outra attitudao nao queria assumir no caso sujeito, visto que tenho a opiniao—e sempre tive—de que a discussao dos pleitos judiciaes so se deve fazer nos respectivos processos, pelo respeito que deve a verdade, ao prestigio do Poder Judicial, que, como advogado me compete defender, e sobretudo, ao prestigio da minha propria classe.

O dr. Tarroso nao o entende, porcm, assim, pois esta a incomodar a nobre Instituciao da Imprensa e a opiniao publica com um assunto que, pelo menos neste momento, so deve ser tratado e esclarecido pelo Departamento Judicial que tem a seu cargo a investigacao de factos de natureza crime.

Ainda se dissesse a verdade, poderia ter desculpado o seu procedimento, embora nao fosse muito regular e eu continuaria a manter o silencio que me impuz.

Mas, desde que a veio falsar com o unico proposito de hubdriar e enganar a opiniao publica, vejo-me forçado, embora aborrecido, a recorrer tambem a Imprensa, para que o publico saiba, com a maior exactidao, o que ha acerca deste caso.

Os queixosos accusam os arguidos: Alberto de Miranda Pombo, D. Ana F. de Miranda Pombo e dr. Claudio Olimpio Dias Antunes de terem cometido factos da maior gravidade, de baixo do ponto de vista criminal.

E tem torncido, e mais irao fornecer, a Policia de Investigacao Criminal de Lisboa, que e quem esta a tratar do caso, elementos de prova que demonstram, com uma eloquencia esmagadora, a veracidade da accusacao.

Ate certa altura da investigacao, entreiveram-se os arguidos em elaborar exposicoes, e relatorios juridicos e ate em enviar aos queixosos excessos anonimos—recursos de que so lancam niao os sem-caracter—naturalmente convenientes de que, ja que nao tinham outra defesa, conseguiram asfixiar e esmagar o processo com o peso do muito papel que encheram com os seus—alias muito curiosos—arrazoados.

Mas, em determinado momento deus, no Torel, um facto, do qual a Imprensa se fez eco—a detengao de Isidoro dos Santos e de Julio dos Santos Ribeiro—que os devia ter evadido a conviccao de que para nada haviam servido todas as suas habilidades e que a porta do carcere, a qual os devia receber, estava aberta a abri-los para se voltar a fechar, apenas eles entrassem.

Ora, foi, precisamente nessa altura que os arguidos Alberto de Miranda Pombo e dr. Claudio Olimpio Dias Antunes saíram de Lisboa. E, com efeito, a noticia daquelas detencoes dada, pelo «Diario de Noticias», no dia 7 do corrente e os referidos arguidos saíram para a liberdade.

Entao, os arguidos, para escapar a prisao, que viam imminente? E tao imminente estava que foi ordenada nessa mesma occasiao, conforme foi noticiado pela grande Imprensa.

Em face da eloquencia dos factos que acabo de referir, quem os interpretar, com imparcialidade, nao pode deixar de concluir que houve fuga.

TEATROS E CINEMAS

Maria Sampaio

No Deus lhe pague, a peça record de 1935, admiravel comedia social do illustre escritor Joracy Camargo cujo exito no teatro do Gimnasio nao tem precedentes, destaca-se uma artista—Maria Sampaio—bonita, graciosa e cheia de talento, que ha muito vem guardando um lugar inconfundivel na vanguarda das actrices da nova geracao. Maria Sampaio, com a sua nocidade, subtilidade de espirito e encanto pessoal, revela-se em Deus lhe pague, no desempenho do papel de Nancy, uma distintissima artista de largos recursos, justamente reconhecidos pelo publico que todas as noites a aplaude, com entusiasmo. Deus lhe pague continua pois, a causar justificada sensacao, nao devendo ninguem deixar de admirar o mais celebre e empolgante espectáculo do momento, em que o grande artista Procopio Ferreira justamente considerado o primeiro actor brasileiro, tem uma assombrosa criacao.

Amanhã: "Café com leite"

Foi adota para amanhã, no Apolo, a estreia da revista Café com leite, a fim de se afinar melhor a sua montagem, efectuando-se esta noite, o respectivo ensaio geral. Café com leite, com a vedeta internacional Dorita del Monte, vai ser interpretada pelas actrices: Virginia Soler, que tanto exito obteve no Zé dos Facatos, e que firmou definitivamente o seu nome; Maria Alvarez, Zulmira Miranda, Hermisita Silva, Emilia Candelas, que faz a sua estreia nesta companhia; Maria Corte Real, Maria Guimarães, Zita Trindade, Deolinda, Saratov, Rafael Marques, Antonio Gomes (da Trindade) no compere; Carlos Alves, Barroso Lopes, e Artur Rodrigues, com 6 German Girls e 20 Apolo Girls ensaiadas por Mafalda, e ainda, a atracção internacional Os Alpinos, denominados Los Magos de la guitarra.

"Os Fidalgos da Casa Mourisca"

E hoje que, definitivamente, em espectáculo iníterno, a preços populares, se effectua no Politeama a estreia da celebre peça de Carlos Borges, Os Fidalgos da Casa Mourisca, extracta do romance de Julio Dinis, tão popular e tão lido como as Pupillas do sr. Relator, do mesmo homem de letras. Vestida rigorosamente á epoca, pois que a sua accção decorre no ano de 1830, Os Fidalgos da Casa Mourisca tem, no Politeama, como interpretes os artistas Maria Matos, Berta de Bivar, Maria Helena, Alves da Cunha, José Gamba, Penha Coutinho, G. H. Ferreira, Joaquim de Oliveira, João Calheiros, João Guerra e José Alves.

Domingo: "Peixe espada"

Para que se não effectuem as estreias de duas revistas no mesmo dia, o Variedades adiou para domingo, 19, em duas sessões, as primeiras representações de Peixe Espada, pela companhia Eva Stachino, original em 2 actos e 21 quadros, de Manuel Santos Carvalho, o popular actor que vai interpretar o compere e de Amadeu do Vale. A bilheteira para esta primeira continua aberta, com grande affluencia de publico.

Airas no reposteiro

—A illustre artista Conchita Ulla vai realizar nos dias 25 e 26 do corrente dois recitais no teatro Covilhense, na Covilha, empresa Pina e Bicho.

—Está doente, com um ataque de fígado, a actriz Luiza Satanela, por esse facto, interrompeu os seus ensaios no Avenida, onde vai participar do desempenho da revista «A Loja do Povo».

—Hoje, amanhã e no domingo (matinée e noite) são as ultimas representações, no Trindade a preços populares, da revista «Bola de Neve», começando na 2.ª feira a montagem da nova revista popular «O Rapaz», que se estreia sexta-feira, 24.

—Triunfalmente continuam as representações no Maria Victoria da formidável revista «Milho Rei», que representando-se, todas as noites, dá no domingo a sua quinta «matinée».

—Com pleno agrado do publico, segue a sua gloriosa carreira no Gimnasio, a notavel peça de Joracy Camargo «Deus lhe pague».

—No teatro Nacional estão a verificar-se as ultimas representações da comedia «Como se faz um homem».

—O patio das Comedias, na Reconstruc-

ção de Lisboa antiga, inaugura os seus espectaculos no proximo dia 1 com a estreia em Lisboa de uma grande companhia espanhola de teatro classico.

"Nevoeiro em Londres"

«Nevoeiro em Londres» é um belo filme de imaginacao. Estamos convencidos que a sua «formula» é uma das raras que podem interessar o grande publico. Nela participam em partes iguais, mas muito combinados, o humorismo amavel e elegante e o misterio denso, terrivel, cuja solucao só no fim se conhece. Tocando estas duas notas, o filme resulta brilhante, satisfazendo inteiramente a platela, que ora sorri, embriagada de espirito, ora se contrai de emocao. «Nevoeiro em Londres» renova, por completo, os chamados filmes policiaes, altera-lhe, pelo menos, o grooveiro e o inverosimil da estrutura. Tudo é simples, serio, e convincente. Belos interpretes, entre os quais, devemos destacar Ronald Colmann.—A.

Actualidades

—A encantadora cine-opera A Viuva Alegre, que ha mais dum mês se projecta na tela do S. Luiz, está dando as ultimas exhibicoes, para reaparecer na abertura da proxima epoca, da mesma casa de espectaculos. Na terça-feira, 21, estreia-se uma super-producao Metro Os dois Amores de Diana, realizacao de Clarence Brown com Joan Crawford e Clark Gable.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ A VIUVA ALEGRE Realizacao de Lubitch musica de Franz Lehár com Chevalier, Jeanette MacDonald, Danielle Parola etc.

CONDES

Aquela noite com Lucien Rozenberg e Maitelaine Sorja

Odeon: Nevoeiro em Londres

com Donald Galman e Loretta Young

PALACIO

Diz-me por musica Filme musical com a famosa Orquestra Equitativa

PARIS VIVA VILLA!

MELODIA DO NILO

CAPITOLIO

Sinfonia Hungara O grande naufragio

TERRASSE

Ouve o meu coração Naná

LYS

Ouve o meu coração Luta de morte

JARDIM CINEMA

A LAOARTIXA O tio sem na corte do Rei Artur

ROYAL

Soiree Bancao Cinema e Variedades com o manao da pariz a distincã cantora D. M. M. ria co Oen Fox

GIMNASIO HOJE

O publico, e gotando na lotação, a que se continua na sua carreira gloriosa a peça «record» 1935. O maior exito do teatro declamado DEUS LHE PAGUE Formidavel ericaco do grande actor brasileiro PROCOPIO FERREIRA A seguir: A DANÇA DOS MILHÕES

BOLSA DE LISBOA

Table with columns: VALORES, Efectuado, Compra, Venda. Includes data for Fundos do Estado, Ações, and Bancos.

Table with columns: Ações, COLONIAS, Obrigações. Lists various financial instruments and their values.

Henrique de Barros Gomes

Table with columns: CHEQUE SOBRI., Compra, Venda. Lists exchange rates for various locations like London, Paris, etc.

Teatro Nacional

HOJE—A's 21 e 30 HOJE Grandioso exito A formidavel peça monumento de graça, de espirito, de critica. Ultimas representações COMO SE FAZ UM HOMEM Com ESTEVAO AMARANTE numa grande ericaco

TRINDADE

Hoje: 3.ª feira (Matinée e Noite) e Domingo, 19 (Matinée e Noite) a Preços Populares ULTIMAS DA REVISTA BOLA DE NEVE Duas sessões, á noite: A's 20.50 e 22.50 H. SEXTA-FEIRA, 24: A Revista Popular O RÁPA

Maria Victoria

Duas sessões—A's 8.45 e 10.45 MILHO - REI Uma revista sensacional Um espectáculo sensacional Uma companhia formidavel Um exito sem precedentes Domingo 19 Matinée ás 3 1/2 horas

OLIMPIA CLUB

MARY GIMENEZ (a Venus d'ouro) uma das mais formosas artistas que têm vindo a Portugal Não deixem de ir vê-la e admirá-la

DR. MARIO MONTEIRO

E' já longa a lista de individualidades que se acham inscritas para o banquete que, por iniciativa de um grupo de advogados, jornalistas e artistas, vai ser oferecido ao dr. Mario Monteiro por motivo da alta distincção que lhe foi conferida pelo Governo Francés.

Este banquete, que estava marcado para domingo 19, ficou transferido para domingo 26, pelas 13 horas, em virtude do pedido de alguns dos inscritos, e deve realizar-se na Pastelaria Marques, no Chiado.

Já se acham inscritos os sr.s.

Dr. Ribeiro D'Algo, Armando Boaventura, dr. Ramada Curto, dr. Leopoldo do Vale, dr. Campos Coelho, dr. Antonio Ribeiro Ferreira, dr. Rodolfo Lavrador, dr. Bessone de Abreu, dr. Borges de Pinho, dr. Queirobe Martins, dr. Constantino Fernandes, dr. Duarte Viveiros, dr. Francisco Rodrigues, dr. Armando Forte, Silva Tavares, Lopo Lauer, Gastão de Betencourt, Alexandre de Azevedo, Procopio Ferreira, Torres de Carvalho, Saul de Almeida, Armando Guelfino Ferreira, Vitor Lopes, Luiz Figueira, Abilio Magro, Eolando Silva, Stubbs de Lacerda, Carlos de Ornelas, Angelico de Sousa, José Pereira Duarte, Mario Mendes de Mascarenhas, Ricardo Malheiro, José Pais Borges, Anibal Contreiras, Arnaldo Baptista da Costa, A. Abranches de Figueiredo, Joaquim Ribeiro de Almeida, Sociedade de Escritores e Compositores Teatraes Portugueses, Alfredo Candido, dr. Armando Guerreiro, e Pedro Bordallo.

Aumento do preço da gasolina

Foi hoje enviado a todas as companhias fornecedoras de gasolina o seguinte telegrama:

"A Camara Sindical dos Comerciantes de Automoveis e Industrias Anexas (gremio em organização) espera que v.v., a quem tanto interessa o desenvolvimento do automobilismo, cooperem e empreguem tambem os seus esforços nesse sentido, e assim resolvam anular o acrescimo de \$10 em litro no preço do gasolina, hoje posto em vigor". A direcção do Automovel Club de Portugal telegrafou no mesmo sentido.

Um sarau elegante

Realiza-se hoje, á noite, no Sr. Georges Hall, na rua Saraiva de Carvalho, 53, um sarau de beneficencia a favor daquela benemerita instituição da colonia inglesa em Lisboa. Representam-se duas interessantes comedias interpretadas por illustres senhoras da sociedade inglesa, um coro característico, canções, etc. Por amavel aquiescencia das autoridades portuguesas, far-se-á ouvir o septimino da Emissora Nacional, sob a habil regencia do maestro Flaviano Rodrigues.

As canções e o concerto serão radiodifundidos pela Emissora Nacional.

Gilberto Sequeira

Em viagem de negocios partiu hoje para a Feira de Paris e Expositio Universal de Bruxelas o sr. Gilberto Sequeira, sendo em especial a visita ao "Stand, das já conhecidas lampadas "PALLAS, e a secção de aparelhos de telefonia marca American "GILSE", de que e representante exclusivo em Portugal.

Monumento ao Infante

Foi publicado na folha oficial um decreto-lei mandando abonar a quantia de dez mil escudos aos autores de cada um dos projectos apresentados na segunda prova do concurso para o monumento ao Infante D. Henrique, a titulo de commoção das despezas que fizeram.

RUTHER.—Usado diariamente revigora os cabelos tornando-os soltos e brilhantes. Destina-se principalmente a todas as pessoas que desejam reacquirir a coloração dos seus cabelos de uma forma lenta, progressiva, sem dar nas vistas

A' venda na Droguaria de J. da Silva Pires, Lda, Rua 1.º de Dezembro, 128-130.

Ao Ex.º Sr. Dr. Mario Conde

Com muita satisfação campo o indeclinavel dever de manifestar publicamente o meu profundo e indelevel reconhecimento a tão distinto clinico pela forma altamente scientifica como operou reces temente minha mulher, Sara Sanjoana Cunha, e pelo indeclinavel carinho e assistência com que tão eficazmente a tratou na sua grave doença.

Este insignie homem de ciencia honra notavelmente a cirurgia portuguesa, reservando-lhe o futuro para bem da humanidade, novos e brilhantes triunfos.

Ildio Cunha

Rua Conde Redondo, 86, 2.º - Lisboa

DESPORTES

Em defesa do Carcavelinhos

O Carcavelinhos Football Club envidou-nos a carta que segue, assinada pelo seu director, sr. Julio Afonso dos Santos:

"Sr. Redactor Desportivo do «Diário de Lisboa».—Em virtude das noticias publicadas nos jornais do Norte, com referencia á final do Campeonato da 2.ª Liga, realizado em Coimbra, em que sobre este clube são feitas as mais desagradaveis apreciações, vimos pela present' seguir a V. a subida fineza de publicar o seguinte communicação, o que antecipaadamente muito agradecemos.

1.—E' absolutamente falso que o nosso defeso Justo Pinho tivesse agredido e ferido o jogador Mouteiro. 2.—As mudanças de jogadores, operadas nas «equipes do Boavista, visaram, segundo cremos, á conveniencia do proprio clube, e não sabemos a responsabilidade que nos possa caber por esse facto. 3.—Dos jogadores adversarios apenas um abandonou, por momentos, o campo por ter sido magoado na cara, aliás sem intenção, pois o nosso jogador que com ele chocara—de que resultou o calorem ambos no só—não pretender levantar-se apressadamente para continuar em jogo, e'm tanta infelicidade o que atingiu, involuntariamente, o rosto do jogador portuense. 4.—Intencionalmente não tem sido feita referencia á du-

pla agressão de que foi vittima o nosso guarda-redes e correctissimo jogador Francisco Lopes, que, em consequencia disso, teve de receber tratamento no proprio campo e assistencia medica na estação do Entoncamento, donde veio numa maça para Lisboa. Chegada a esta cidade, deu o indubitavelmente entrada no hospital de S. José, mas, a instantes pedidos seus, foi no dia seguinte removido para casa; porém, já o medico assistente deste clube, dr. Pires de Andrade, declarou que haverá necessidade de o hospitalizar de novo, se entretanto o seu estado não melhor... 5.—Mas não foi este o nosso unico jogador lesionado, visto que todos mais ou menos ainda hoje estão sentindo os efeitos das «carietas» recebidas, e o nosso defeso Alexandre de Almeida teve tambem de recorrer a intervenção medica. 6.—Acerca da acção do arbitro se alguém tuocou com ella não foi certamente o Carcavelinhos, que deixou de beneficiar de duas grandes penalidades, por feitas autenticas e intencionais praticadas na grande area, mas que o sr. Santos Farinha, complacientemente, deixou passar em claro.

Publicamos a carta pela consideração que temos pelo Carcavelinhos e seus dirigentes, que sabemos incapazes de faltar á verdade.

AS FESTAS MILITARES

As festas militares que vão ter o seu inicio dentro de breves dias, darão ao publico occasio de admirar a destreza, o arrojo e a pericia dos nossos soldados e marinheiros. Esses resultados que representam um verdadeiro prodigio se acentuamos no reduzido tempo de instrução militar, são uma prova evidente das grandes qualidades de adaptação da nossa gente e tambem do cuidado com que é ministrada a instrução nas unidades.

Soldados e marinheiros portugueses vão demonstrar do que são capazes quando lhes forneçam os meios materiais para o desempenho da sua alta missão.

Redução de preços nos combolos da linha de Cascais

Como noticiámos, por motivo das Festas da Marinha que se realisam na baía de Cascais na manhã do proximo domingo, e na praia da Cruz Quebrada na tarde do mesmo dia, todos os bilhetes de ida e volta vendidos nesse dia na linha de Cascais terão a redução de 20 por cento.

Partida de C. Sodré, ás 8 e 52—9 e 52 10 e 20—10 e 52—11 e 20—12 e 13—12 e 42—13 e 45—14 e 22—15, —15 e 25, e 15 e 45.

Partida de Cascais, ás 13 e 04—14—15 e 10; e 16 e 19.

SUFRAGIOS

D. Maria das Dores Martins Peres Gomes Carrilho

Passando amanhã o setimo dia do falecimento da sr.ª D. Maria das Dores Martins Peres Gomes Carrilho, saudosa esposa do nosso querido amigo sr. Joaquim Bento da Costa Carrilho, manda sua familia rezar na paróquia dos Anjos, pelas 10 horas, uma missa fufragando a sua alma.

Exposição de rosas

No proximo dia 23, ás 14 horas, inauguram os sr.s Alfredo Moreira da Silva & Filhos, na praça dos Restauradores, 62 e 63, uma exposição de rosas que é aguardada com vivo interesse.

Exercito e Marinha

De regresso de um cruzeiro de duas semanas pela Madeira e costa do continente, para exames de guarda-marinhas, fundou hoje no Tejo o aviso de 1.ª classe «Afonso de Albuquerque».

GREMIO DOS AÇORES

No proximo domingo, pelas 16 horas, realza-se na sede do Gremio dos Açores uma «tarde açoreana» que deve reunir grande numero de socios. Vai ter uma tarde alegremente passada.

O DIÁRIO DE LISBOA e SEMPRE FIXE vendem-se no Porto na casa Manuel da Silva P. — Praça da Liberdade.

BOX

A empresa J. J. S. Segurado confirma em absoluto que foi publicada no jornal AMORA, de Madrid, de 15 do corrente uma noticia segundo a qual Cañoto foi rapidamente batido por Amador Rodriguez.

Mas declara terminantemente que a noticia está errada por deficiencia na transmissão telegráfica, porquanto o vencedor rápido de Amador Rodriguez foi precisamente Cañoto, que de Santander, onde o encontro se effectuou, seguiu directamente para Vigo e de Vigo para Lisboa.

A empresa J. J. Segurado, que esta manhã falou telefonicamente para Santander, para o importante jornal EL CANTABRICO, de onde lhe foi confirmada a rápida e fulminante vitória de Cañoto, pelo prestigioso jornalista santanderino Martinez, declara, sob sua honra, restituir a importância integral dos bilhetes, se não se provar que foi Cañoto o fulminante vencedor da 2.ª e não 3.ª série Amador Rodriguez.

A CASA DE MODAS LOPES & MAIA

PREVINE V. EX.º QUE SABADO, 18, A'S 16 H., FAZ A SUA 1.ª PASSAGEM DE MODELOS NO SALÃO DE CHÁ DO AVENIDA PALACE HOTEL, EM QUE APRESENTA AS ULTIMAS NOVIDADES DE PARIS. DIA 20 FARÁ A 2.ª PASSAGEM NA SEDE, R. DO OURO, 265 A 269.

FEIRA DE PARIS

18 de Maio a 3 de Junho

Fornece-se gratuitamente aos Comerciantes, Industriais, e Comissários e carta de legitimação para a redução de 50 % nos C. F. franceses e 25 % nos de Portugal e Espanha. As inscrições para a excursão á Feira de Paris fecham-se no dia 18 do corrente, sendo a partida no dia 25.

Pedidos á Delegação da Feira

Rua de S. Nicolau, 82 rjç. Lisboa

A TORTURA DO LUMBAGO

Sofria como se fosse uma veilha

Aqui está uma indicação precisa para quem sofrer aquela impertinente dor que se chama o lumbago. Escreve-nos uma senhora:

"Durante anos sofri de lumbago. No tempo humido não conseguia deitar-me na cama sem esforço e dores. Ha 2 anos o meu martirio aumentou com a sciatica e assim me arrastei durante uma quinzena tristissima e mais parecendo uma mulher de 103 anos do que de 33. Disseiram-me então que experimentasse os Sais Kruschen, assim o fiz e em tão boa hora que é raro sentir dores actualmente." M. M. G. F. C.

Qual é a causa dos beneficos efeitos de Kruschen? Simplemente porque vai direito ás causas destas perturbações — o sangue impuro — renovando-o. Os Sais de Kruschen purificam e tonificam o sangue promovendo a regularização cromometrica de todos os órgãos de eliminação.

A' venda em todas as Farmacias e casas de especialidade. Preço do frasco grande Esc. 17\$00, frasco pequeno Esc. 10\$00.

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as sr.ªs: D. Benedita de Castro Ozeiro, D. Palmira Eoique de Oliveira Feijão, D. Maria Caudidá, de Campos Henriques de Almeida de Eça, D. Cristina de Andrade Bastos de Reynolds, D. Isabel Serzedelo Presser, D. Oliva Guerra, D. Maria Eugenia Móra Pinto de Magalhães Martinha, D. Maria Eugenia Wrem da Silveira Viana, D. Maria Julia de Azevedo de Bourbon e Meneses, D. Margarida Manuel de Moutôça (Azambuja), D. Maria das Dores de Sousa (Rio Pardo), D. Maria do Carmo da Costa Falcão, e a menina Maria de Lourdes Magalhães.

DOENTES

Na casa de saúde da Estrela foi operada com muito exito pelo habil cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves a sr.ª D. Maria Alexandrina Abreu da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela).

EM VIAGEM

De regresso de Paris chegou o nosso amigo sr. A. Braga socto da casa de chapéus «Gardenia».

—Acompanhado por sua esposa, sr.ª D. Maria Luiza de Magalhães Leão, partiu para Paris o sr. Antonio Leão.

RUTHER—deve sempre existir no seu tocador, repare bem e faça dele o seu confidente; pois ele restituir-lhe-á os seus cabelos a sua coloração primitiva, combatendo a Caspa e a queda do seu precioso cabelo. A' venda na Droguaria Açoreana, de Ferreira & Ferreira, Lda. Rua da Prata, 99-101.

Quem é Maddick? Lelam: OS CRIMES DE MADDICK por David Hume N.º 3 da Coleção Mistorio das Edições Europa Um livro policial que prende o leitor desde a primeira á ultima pagina, e que é escrito pelo autor que a critica inglesa classificou de 2.º Edgar Wallace. A' venda nas principais livrarias ao preço de Esc. 10\$00

Barbosa & Costa L. da

Esta casa encarrega-se de modernizar o seu lar com o melhor mobiliario...

A Cidade



Não ha bom restaurante sem a SAVORA a ranha das mostardas.

O CRIME DE VALE DE CABRAS

O sogro da vitima confessou ser o assassino. ABRANTES, 17.—(Pelo telefone).—

A FAVOR DUM PAI INFELIZ

Para acudir á fallida situação daquelle pobre chefe de familia a quem referimos...

BOXING

«Sr. redactor desportivo do «Diario de Lisboa».—Respondendo á carta de Horacio Velha...

Musica desafiada

A direcção do Club Musical União queixou-se á P. I. C. contra alguns individuos...

Agressão á fachada

Foi preso José Ferreira da Costa Nunes de Mesquita por ter agredido á fachada...

Autovomvel Club de Portugal

O A. C. P., a convite do Club Nautico de Portugal, comunica aos seus Ex.ºs Sócios...

O roubo de acções

da Companhia Nacional de Navegação. Ficaram hoje concluidas as investigações...

Defendei a saúde de vossos filhos evitando o calçado de borracha

No TIVOLI: O glorioso filme nacional: As Pupilas do Sr. Reitor

UM PROBLEMA NACIONAL

A questão de competencia e iniciativa na questão da pesca entre os ministerios do Comercio e da Marinha

(Continuação da 1.ª pagina)

A execução dos diplomas organizadores da Industria da Pesca Nacional, com os objectivos duma maior e mais economica produção...

Em forma unilateral como certos estudos de ordem economica são conduzidos e abordam soluções de realização sem a prévia e garantida colaboração...

João Gellweiler

Embarras esta noite, em Alcantara, no Csp Arcosa para Hamburgo, o distincto automobilista sr. João Gellweiler que irá assistir...

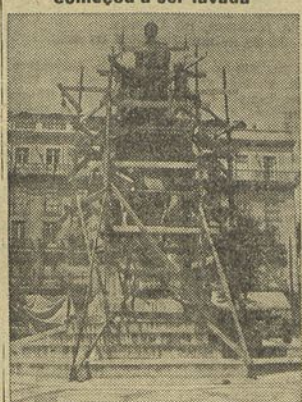
Automovél Club de Portugal

O A. C. P., a convite do Club Nautico de Portugal, comunica aos seus Ex.ºs Sócios que este ultimo Club realiza em Vila Franca de Xira...

No TIVOLI: O glorioso filme nacional: As Pupilas do Sr. Reitor

A estatua de Camões

começou a ser lavada



Val ser limpa a estatua de Camões. Ha dois dias que o épico desapareceu da vista dos mortaes...

Camões vai ficar—cinco seculos mais novo. O que fará elle? Na impossibilidade de escrever outro «Lusitadas» é possível que deça a terra...

O CONCURSO DE TIRO

entre as unidades de Belem

Na Carreira de Tiro Verquero-Ducla Soares, realizou-se hoje a prova individual de tiro...

Colhido pelo comboio

ficou com as pernas cortadas

ABRANTES, 17.—(Pelo telefone).—Em estado muito grave, e com as pernas mutiladas, deu entrada no hospital do Salvador...

O filme «L'Automobile de France»

Constituiu um verdadeiro successo a apresentação no S. Luiz-Cine do curioso filme «L'Automobile de France»...

O uso do calçado de borracha

«Lusel» não prejudica a saúde mas atrofia unicamente os interesses de certos negociantes de cabedal.

Pinte os seus cabalos com KOMOL

KOMOL e será sempre jovem

REPRESENTANTE: M. Cabral Avenida Almirante Reis, 166 r/c. dt.º

DEPOSITARIO: Farmacia Oliveira Rua da Mouraria, 240

Aos chauffeurs

Quereis ajudar os vossos colegas? Metam gozolina na Bomba da Vacuum em Algés.

VIDA ARTISTICA

A exposição «Momento» no Gremio Alentejano

E' muito difficil criticar a exposição de arte: pintura, escultura e desenho, organizada pela revista «Momento»...

Naquelle desarrumação, conseguimos fixar alguns nomes. E-los: Abilio Lido de Matos e Silva, com duas telas de Obidos...

Depois, acrescentou: «Houve quem dicesse que eu não li o livro...» E' espiandada essa!

O CASO DA JOIA ROUBADA

Procuraram-nos os srs. Luigi e Alfred, proprietarios da loja de cabalheiro onde foi roubada...

Nesta altura, os nacionalistas dividiram-se e o jornalista G. da Fonseca dirigiu uma carta á Associação Brasileira de Imprensa...

Colhido pelo comboio

ficou com as pernas cortadas

ABRANTES, 17.—(Pelo telefone).—Em estado muito grave, e com as pernas mutiladas, deu entrada no hospital do Salvador...

Desastre de viação

VIANA DO CASTELO, 17.—Uma camioneta carregada de madeira serrada chocou contra um muro e entrou da cidade no lugar de Cal Nova...

A GARRETT

Almooos completos de 12 e 16 Escudos Jantares completos de 15 e 18 Escudos

A Cidade

UMA ATITUDE INCOMPREENSIVEL

ALGUNS NATIVISTAS BRASILEIROS PRETENDEM que o romance «A Selva» seja apreendido

Aporeci, ha poucas semanas, no Rio de Janeiro, a primeira edição brasileira de «A Selva», prefaciada por Afranio Peixoto...

«A Selva» principiou por nos dizer: «Eu não quero complicar esta absurda questão...»

«E' a primeira vez que isso acontece em relação á «Selva?»

«Não. E não, porque antes de tomar tal resolução, o governo brasileiro teria, de certo, a obra e depois de a ler, tenho a certeza de que não ordenaria a sua apreensão.»

«Pensa tomar alguma attitude?» «Nenhuma. Quando muito, aproveitar a sugestão de alguns amigos e pedir á Associação Brasileira de Imprensa...

«E' uma instancia feita pelo tribunal, o sr. dr. Assis respondeu: «O Montepio lida com os interesses privados mas acatam recitas passadas por outros medicos...»

«E' a primeira vez que isso acontece em relação á «Selva?»

Nesta altura, os nacionalistas dividiram-se e o jornalista G. da Fonseca dirigiu uma carta á Associação Brasileira de Imprensa...

VIDRARIA ALIANÇA

R. DA PALMA, 260. Completo sortido de louças, vidros, esmaltes e artigos de menage

O CASO DOS SEGUROS DE VIDA

O TRIBUNAL REUNIU-SE HOJE em casa duma das testemunhas

A decima segunda audiencia do julgamento do major medico Candido de Sousa realizou-se esta tarde, a pedido da acusação...

«O sr. coronel Guerra Quaresma que chegou, ao local indicado, de automovel, fazia-se acompanhar do sr. tenente-coronel Zamangini Barbosa...

«O sr. coronel Guerra Quaresma, atendendo ao estado do doente, não quis inflitr o interrogatorio, sem que o medico assistente, sr. dr. Fernando da Fonseca, atestasse que essa diligencia se podia efectuar, sem perigo...»

«Está aberta a audiencia. O sr. dr. Alexandre Assis, que falava com bastante difficuldade, iniciou assim o seu depoimento:—

«A Emilia Viegas era associada do Montepio onde eu, como clinico, prestava serviço. A mulher queixava-se de varias doencas e apresentava sintomas de doença na primeira observação...

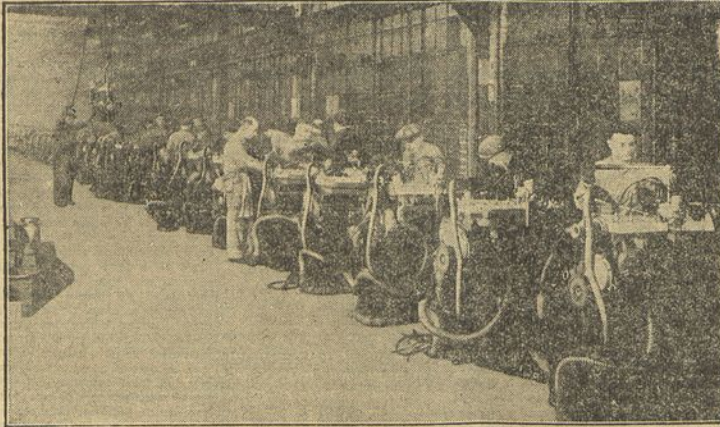
«O sr. dr. Alexandre Assis, neste momento, como lhe faltasse a respiração, solicitou um pouco de descanso...»

«O sr. dr. Assis voltou a descansar um pouco e respira fundo, com difficuldade...»

Nesta altura, o sr. dr. Leopoldo do Vale (Ver continuação na 8.ª pagina)

GRAHAM

O Carro Mais Imitado da Actualidade



MODAGEM ELECTRICA E MISE-AU-POINT DOS MOTORS GRAHAM NA FABRICA

A preferencia do publico mantem-se e confirma dia a dia, a superioridade dos automoveis GRAHAM em todas as categorias correspondentes aos quatro modelos fabricados em 1935.

GRAHAM SUPERCHARGED EIGHT — Mais de 20 carros do modelo de turbo-compressor em circulaçao vendidos e entregues desde a Exposição de Abril de 1934, **sem a mais insignificante «panne» ou defeito de funcionamento.** O motor GRAH M. inteiramente fabricado, como sempre, pela fabrica Graham, incluindo o turbo-compressor de sua patente propria, é o primeiro motor sobre-comprimido, fabricado em grande serie, em todo o mundo, e tem hoje como garantia cerca de um ano e meio de consagração e de «mise-au-point», no verdadeiro banco de ensaios que é o uso dos seus possuidores nas mais arduas condições de serviço. O seu funcionamento é tão simples e seguro que nenhum das instruções especiais são precisas para utilizar o turbo-compressor, que pelo seu processo da «brassage» da mistura actua como economizador, obtendo muitos clientes consumos inferiores a 19,20 litros. Os modelos 1935 têm sobre os de 1934 um aumento extraordinario de reprise e velocidade pura. A velocidade de 100 kms. é alcançada a partir do arranque, em 15 segundos. Velocidade maxima 100 milhas. Encontram-se em exposiçao por amavel deferencia dos Ex.^{mos} Clientes mais dois turbos-compressores vendidos.

GRAHAM EIGHT — O modelo rápido por excelencia, economico e nervoso. O motor que consolidou a reputação inabalavel da marca GRAHAM. O rendimento, reprise e economia dos motores GRAHAM oito em 1935 foi notavelmente melhorado.

GRAHAM SPECIAL SIX — O modelo de 6 cilindros, de que tantos centos de carros percorram ha muitos anos todas as estradas do Pais. Condições excepcionalmente espaçosas que muitos clientes transformam para sete passageiros. Preços muito accessiveis.

GRAHAM SIX — Construido inteiramente na fabrica GRAHAM, incluindo o motor, com os mesmos materiais e muitas peças comuns aos outros modelos. Um carro utilitario, economico, espaçoso e comodo a preço semelhante ao dos carros americanos de seis cilindros mais baratos.

Antes de comprar um automovel informe-se com os possuidores de GRAHAMS, veja e ensaie qualquer dos modelos enumerados, compare preços e averigue da perfeição dos serviços de assistencia organizados desde o inicio pela casa J. Coelho Pacheco, com o apoio dum dos maiores «stocks» de peças de sobresselentes tanto de mecanica como de carroserie, a cujas instalações se recomenda uma visita.

Se tal fizer preferirá **GRAHAM.**

Representante geral: **J. Coelho Pacheco** — Rua Braamcamp, 90-94 — Tel. 4 2188/9
Agente no Porto: **Manuel da Silva Carmo** — Rua de St.^a Catarina, 129-133

Caminhos de Ferro Portugueses

Festas da «Semana Militar»

No proximo domingo, por occasião do desfilio de «foot-ball» F. C. do Porto-Olhansense, para o Campeonato de Portugal, a C. P. organiza um comboio especial de Faro a Orlhão e volta, que parte de Faro ás 15 e 30 e regressa de Orlhão ás 20. Os preços da viagem de ida e volta são respectivamente, em 2.^a e 3.^a classe, 3920 e 2420.

O desafio F. C. do Porto-Olhansense

Para as festas nos domingos, 19 e 26, estarão á venda, em todas as estações da C. P., nos dias 18 e 19 (e bem assim nos dias 25 e 26, bilhetes de ida e volta para Lisboa com 45 0/0 de redução, que podem ser utilizados para a viagem de ida em qualquer comboio dos respectivos sabados ou domingos e para a de regresso tambem por qualquer comboio desde domingo até á segunda-feira immediata.

Mobílias

PAPEIS PINTADOS
OLEADOS
ESTOFOS
ETC.

Tel. 23413

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES

ARMAZENS DE MOVEIS DO CALHARIZ — PAIXÃO CARVALHO L.^{da}
— 26 — L. Calhariz — 28 —



Elegancia de linhas — Modicidade do preço — Garantia absoluta
são as caracteristicas dos relógios do

TORROAES

Relojoaria de confiança
119, R. da Prata, 123 Telef. 2 4210

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—Como se faz um homem.
Trindade—A's 20 e 50 e 22 e 50—Bola de Neve.
Gimnasio—A's 21 e 45—Deus lho paguê.
Maria Victoria—A's 20 e 45 e 22 e 45—O Milho Rei.
Politeama—A's 21 e 30—Os fidalgo da Casa Mourisca.

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 30.
Odéon—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 0.
Chiado Terrace—A's 21 e 15.
Capital—A's 21.
Royal-Cine—A's 21 e 30.
Palacio—A's 21 e 30.
Paris Cinema—R. Domingos Sequeira.
Jardim Cinema—Av. Alvares Cabral.
Promotora—A's 21.
Belem-Jardim—A's 21.
Salão Ideal—Rua do Loreto.

LEITE ALPINA PASTEURISADO
LEITE ALPINA PASTEURISADO
LEITE ALPINA PASTEURISADO

1800 1800 360

Distribuição aos domicilios de Lisboa e freguesias de Cascaes e pedidos a ALPINA, Lda — Carapaveis — Telefone 60 — Lisboa — Telefone 2 1838

Cevadas

Comum c/ k.^o..... 2\$40
Santa, especial c/ k.^o..... 4\$00
Santa com chiorica c/ k.^o... 4\$40

Puras. Recentes. A peso
Bem torradas — Bem moldas

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(á Igreja de S. Domingos)



SER BELA...

nos nossos salões de estetica, com os nossos productos cientificamente fijos, pode manter-se a juvenlude, a macanica de la ma, a massagem e linhora de pele, podem vencer a idade. Para os seus tratamentos na ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA TELEF. TUDOS-A DA LIBERDADE 35 LISBOA

Tel. 2 3695

Aos: Proprietarios
Construtores
e Mestros d'Obras

MONTCADI

Tinta de cimento em qualquer cor
Impermeabilizadora

Pedidos e Informes
Fiel Vitero — R. Bacalhoadros, 121, 2.^o

EM BREVE A. C. P.

Encetará a temporada de 1935
com o

I EXPRESSO POPULAR LISBOA-VISEU

(por Santa Comba-Dão)

Quere a sorte grande?
Habilita-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

TEM NEGÓCIOS? com o estrangeiro?
 Fazemos a máquina as suas cartas, relatórios, organogramas, etc., em português ou línguas estrangeiras. Traduzimos tudo o que receber do estrangeiro. Escola Commercial Portuguesa, por correspondência. Secção de Traducções e Dactilografia, R. do Arsenal, 54, 3. - LISBOA

ESTRANGEIRO

KAUFMANN
 Pedicuro-Especialista
 Diplom. do pé e das mãos
 Calos - Unhas encovadas - Verugas - Joanetas e outras enfermidades nos PÉS
 Rua Garrett, 80, 1.º andar - Telef. 2 7474

Tumultos numa povoação argelina por causa da prisão do emir

ORAN (Argelia), 17.—Vários destacamentos da legião estrangeira foram chamados para dominar uma rebelião dos habitantes de uma povoação do deserto, denominada Beniisaf, próximo de Tlemcen. Os revoltosos apedrejaram e assaltaram a prisão local para libertar um alcaide de apelido Gonzalez, que foi preso sob a acusação de desviar dinheiros públicos.
 Na região declarou-se o estado de guerra e as tropas fizeram já 22 prisões.—(United Press).

Morte misteriosa dum nazí

BERLIM, 17.—Morreu afogado no lago Tempeln, perto desta capital, o barão von Bressendorf, nazí austriaco emigrado, que andava a passear de barco, com uma rapariga. Esta declarou tratar-se de um desastre. Contudo, foi encontrada uma carta, em que a vítima declarava ir suicidar-se. A Polícia procura desvendar o misterio.—(Americana).

A revolta no Irak

LONDRES, 17.—Continua a revolta no Irak. Têm-se travado combates sangrentos. Os chefes das tribus das zonas vizinhas afirmaram a sua solidariedade ao governo. O ministro do Interior partiu para o local da insurreição.—(Americana).

Novas dir. crises na politica japonesa

TOQUIO, 17.—Constituiu-se um Conselho de Política Nacional, cuja missão consiste em estudar um plano governativo a realizar durante alguns anos, nos campos administrativo, economico, financeiro e militar.—(Americana).

As relações sino-nipônicas

TOQUIO, 17.—Em alguns círculos fala-se na proxima vinda de Chan Kai Chek a Toquio, a fim de tratar do estreitamento das relações sino-nipônicas e da elaboração de um plano comum aos dois países contra o comunismo.—(Americana).

Conjura socialista no Chile

SANTIAGO DO CHILE, 17.—Fizeram-se varias prisões de individuos que se supõe estejam implicados numa conjura que se descobriu e que planeava implantar no país o regime socialista.—(United Press).

Temporais no Pacifico

MEXICO, 17.—Houve grandes temporais na costa do Pacifico. Os prejuizos são elevados.—(Americana).

Aos medicos

Aparelho de Raios Ultra-Violetas, vendese. Resposta a pedido. Telhas A. A.



Abra a boca... e pasmel!

Os estrangeiros comem diariamente as apetitosas Sardinhas de Conserva portuguesas, porque as Sardinhas de Conserva portuguesas são gostoso alimento.

Portugal quasi as desconhece! Abra a boca... e coma Sardinhas de Conserva.

O fascismo britânico

Incidentes durante um comicio
 LONDRES, 17.—Sir Oswald Mosley, chefe dos fascistas britânicos, promoveu ontem uma reunião, que deu origem a novos incidentes. Fora da sala reuniram-se 4 a 5 mil individuos para apupar os fascistas. Mosley, no seu discurso, declarou: «Se formos ao poder não toleraremos que proprietarios ou outras pessoas vivam, na ociosidade, do trabalho dos seus semelhantes».—(Havas).

Onda de frio em França

PARIS, 17.—Tende a alastrar-se, assustadoramente, a pavorosa onda de frio que se está a fazer sentir, principalmente a leste e oeste da França. Nos bosques e florestas têm-se registado baixissimas temperaturas, oscilando o termómetro entre três e oito graus negativos. Nas montanhas da Sabala tem nevado abundantemente.—(United Press).

Relações diplomaticas com a China

WASHINGTON, 17.—Supõe-se que os Estados Unidos, o Japão e a Inglaterra, têm o proposito de elevar as suas legações na China á categoria de embaixadas.—(United Press).

O conflito do Chaco

Uma offensiva dos bolivianos
 LA PAZ, 17.—Anuncia-se oficialmente que as tropas bolivianas desenvolveram uma formidavel offensiva contra as forças paraguaias, no sector de Villamontes, infligindo-lhes pesadas baixas. O campo de batalha ficou juncado de cadáveres. Os paraguayos retiraram desordenadamente, deixando no local da luta grande quantidade de armas e munições.—(United Press).

BUENOS AIRES, 17.—O ministro dos Negocios Estrangeiros da Bolivia informa que no proximo dia 22 do corrente sairá de La Paz com destino a Buenos Aires, presidindo a missão boliviana que vai tomar parte nos trabalhos do «comité» que se reúne nesta cidade para estudar a solução pacifica do conflito do Chaco.—(United Press).

Os progressos da aviação

LONDRES, 17.—O aviador Kronfeld, pilotando um avião do tipo sem motor, mas munido dum motor de motocicleta, e que levantou ontem voo do aerodromo de Croydon com destino a Paris, aterrou sem novidade na capital francesa, efectuando a viagem directa.—(Havas)



PHILCO

Auto-Radio

O melhor do mundo!

Uma audição no seu carro tão perfeita como em sua casa!

Pureza de som, fidelidade, captação e selectividade inexcedíveis apenas por

Esc. 30\$00

por semana

Grandes descontos para pronto pagamento

Auto-Radiofonica, L.ª

62, Rua Braamcamp, 70 — LISBOA

Telefone 4 0630

A situação financeira da Alemanha

Um discurso pessimista do ministro das Finanças

BERLIM, 17.—«Não estamos positivamente em mar de rosas»—declarou o conde von Krosk, ministro das Finanças, numa conferencia que fez ontem sobre a situação economica e financeira do Reich, e em que claramente se manifestou contra qualquer politica deflacionista.

«Desde 1933 que conseguimos—disse—quebrar o circulo de ferro que nos aperta. Os Estados Unidos não conseguiram jugular a crise com o aumento sistemático dos salarios. Aumentá-los presentemente na Alemanha seria erros».

Afirmou ser inquietadora a situação das exportações alemãs, que «se elevam a 4 bilhões de marcos, isto é—12 por cento de toda a produção industrial. Actualmente, trabalham para a exportação 1.750.000 operarios alemães, quasi a cifra dos nossos desempregados permanentes». Declarou que as despesas do Estado têm constantemente aumentado. Em 1935 já se elevam a 35 por cento dos rendimentos nacionais. «Vemo-nos assim obrigados—acrescentou—a viver contando exclusivamente com as nossas receitas futuras. Não está nas nossas intenções decretar uma contribuição militar especial, mas é-nos impossível realizar largas reduções de impostos, pois temos de levar até ao fim as grandes obras economicas e nacionais que nos impuzemos. Além dos 2 bilhões de marcos destinados a financiar a luta contra o desemprego, o renascimento da nossa soberania militar servirá para dar trabalho á industria e ao comercio alemães».

Este discurso pouco optimista do ministro das Finanças é considerado como um aviso. Com efeito, melhor do que ninguém o titular daquela pasta sabe que ainda não foi possível elaborar um orçamento regular para o ano economico de 1935-1936, que começa em 1 de abril.—(Havas).

O estado do coronel Lawrence

LONDRES, 17.—T. E. Shaw, o celebre coronel Lawrence, continua no mesmo estado, inspirando sérios cuidados. Contudo, embora não se abandonassem ainda todas as esperanças de o salvar, o facto de se encontrar desmaiado ha quasi 90 horas vai enfraquecendo a paciência.—(Havas).

RUTHER.—Peio seu poder antiseptico, pelo seu forte poder tonificante combate a Caspa e todas as Doenças do couro cabeludo, facilitando ao mesmo tempo o crescimento do cabelo. Numa palavra...

RUTHER—revigora—tonifica—vitalliza os seus Cabelos.
 À venda na Drogeria Centeno & Neves, L.da, 204 Rua da Prata, 206.

Dr. Jorge Santos

DA FACULDADE DE MEDICINA DE PARIS
 Hemorroidas, Flatulias, Varizes, Fiebras, Ulceras das pernas, Doenças das senhoras. Tratamentos mais novos sem operação, sem dor nem desconforto. Das 3 as 5, R. Nova da Trindade 92. - D. - Tel. 2845. Cl. nobres as 9 horas.



Missa do 7.º dia

Maria das Dores Martins Peres
 Gomes Carrilho

Seu marido, irmãos, sogra, cunhados e sobrinhos fazem rezar, na paróquia Igreja dos Anjos, amanhã, sábado, pelas 10 horas, missa por sua alma, e agradecem a quem se digno honrar esse piedoso acto com a sua presença.

Companhia das Fabricas Ceramica Lusitania
Grandes fabricas de bons produtos ceramicos de **ODOS OS GENEROS E PARA TODOS OS USOS**
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setubal, Faro, Fátima e etc.
A CERAMICA QUE MANDA O PAIZ!

ULTIMAS NOTICIAS

ODEON - PALACIO
Nevoeiro em Londres
Dize-me por musica

Um discurso optimista de Chamberlain acêrca da situação inglesa

LONDRES, 17.—O ministro das Finanças, Neville Chamberlain, pronunciou ontem um discurso na sede da Associação dos Banqueiros Britânicos, durante o qual passou em revista a situação industrial e financeira do país.
—«O governo—declarou o ministro das Finanças—encara as possibilidades do novo ano economico com grande confiança e certa satisfação. Enquanto o nosso país se abster de entrar em quaisquer aventuras perigosas, não ha razão para que não encaicemos com optimismo a situação actual.
O ministro passou depois a desenvolver o tema do seu discurso, analisando com certa minucia todos os pormenores da situação geral da Grã-Bretanha.
—«Hoje, na Grã-Bretanha—declarou—vive-se numa atmosfera de felicidade e confiança nunca notada desde o fim da Grande Guerra. Mas é licito que me perguntem, esta apparencia de prosperidade é autentica, é genuina? Devo dizer que ha pelo menos numerosos factos que o asseveram.
Chamberlain referiu-se então ao facto de nestes ultimos quatro anos se darem varias diminuções no capitulo de impostos e se fazerem as varias economias, representando um total de 72 milhões de libras anuais, que vieram aliviar todas as classes da comunidade.
—«Uma prova de que tem havido um progresso sensivel na nossa situação—disse—é o numero relativo á produção no primeiro trimestre deste ano. As construções, a produção de ferro, de aparelhos electricos e os creditos concedidos pelos bancos, mostram-nos cifras muito maiores do que as de ha um ano atrás.
Referindo-se ao commercio internacional, Chamberlain declarou que a sua restauração só poderia efectivarse em cooperação com os outros países.
—«Por outro lado—disse—tem-se notado uma indiscutivel melhoria nos preços por roses e um aumento sensivel nas exportações britannicas.
Por fim, o ministro referiu-se ao problema das tarifas e contingentes, afirmando que o governo não descura esse assunto, que o irá solucionar á medida que as circunstancias o impoñham.—(Havas).

A questão social nos Estados Unidos
WASHINGTON, 17.—O Senado aprovou e enviou para a Camara dos Representantes o projecto Wagner, que proibe de facto os sindicatos patronais e cria uma repartição permanente de arbitragem para os conflitos operarios com largos poderes imperativos. São os delegados da maioria dos operarios de qualquer empresa representadora a totalidade do pessoal assalariado nas discussões com os patrões. Quasi por unanimidade o patronato opõe-se a este projecto.—(Havas).

Canal fechado á navegação
ATENAS, 17.—No canal de Corintia deu-se um desabamento, o que impedirá a navegação por uns dias.—(Havas).

Pavilhão Bucelas PARQUE MAYER
Cocinha esmerada sob a direcção da antiga cozinheira da Clementina.
Almoço ao meio-dia e jantares ás 19 horas.
Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

OS SOCIALISTAS FRANCESES - comentam desfavoravelmente a viagem de Laval a Moscovo

PARIS, 17.—No «Populaire» desta manhã, Léon Blum comenta largamente o comunicado de Moscovo. «Staline—escreve o chefe socialista—dá razão contra nós ao governo que combatemos e cujo enviado a Moscovo vai regressar munido com o seu atestado de boa conduta. Staline dá razão contra nós aos adversarios de quem sustentamos o impeto na recente batalha eleitoral. A nossa posição—á posição dos socialistas, que sem negar o dever de defender o solo nacional contra a invasão se recusam solidarizar-se com as concepções e a organização militar burguesa, é objecto duma condenação. Essa condenação não é só implicita, mas evidente. Recibo bem que Staline em Moscovo não medisse bem a repercussão que as suas palavras podem ter na politica da França. Pela parte que nos toca, não nos sentimos abalados.
Creio poder afirmar que o Partido Socialista não se desviará da sua linha tradicional, que conservará a mesma attitude em face do governo e da sua politica, denominada de defesa nacional, e continuará a exercer a mesma acção nos problemas internacionais. Quanto ao fundo parece-me que para a grave dificuldade que se levantou, como para todas as outras, só existe solução na unidade de organização do proletariado.—(Havas).

As preocupações da Inglaterra
LONDRES, 17.—O rei Jorge V, da Inglaterra, recebeu ontem o chefe do governo inglês, sr. MacDonald, com quem conferenciou durante largo tempo. A audiência não fóra marcada previamente, como manda o protocolo. Sabe-se de fonte autorizada que durante a entrevista a situação actual da Inglaterra tratou da situação actual da Europa, que está um tanto perturbada e inspira sérios cuidados aos governantes ingleses.—(United Press).

O ultimo discurso de Eden
BERLIM, 17.—O discurso de Eden chegou aqui muito tarde para que a Imprensa alemã pudesse já hoje o mental-o. Em todo o caso, o «Boersen Zeitung» dá largas ao seu mau humor. «Pela primeira vez—escreve—depois da sua doença e do regresso da sua viagem pela Europa, lord Eden reentrou, publicamente, em cena. A sua viagem efectuou-se antes da assinatura dos pactos de Moscovo, Paris e Praga. Talvez não tivesse ainda podido informar-se a fundo sobre o mecanismo dessas convenções de assistência. O seu discurso parece não dar importância áqueles factos.—(Havas).

A reunião da S. D. N.
LONDRES, 17.—Lord Eden parte amanhã para Genebra, onde vai representar a Gran-Bretanha na reunião do Conselho da S. D. N.—(Havas).

Laño v. nceu em Santander
Amador Rodriguez
Receber-se e fu tarde em Lisboa o seguinte telegrama:
Santander, 17 (ás 14 horas) Criado uenhon por abandono de Amador Rodriguez. Agencia deu noticia equivocada perloicos—(Contabriu Boxing).

O uso do calçado de borracha prejudica a saúde e atrofia o desenvolvimento do corpo.

No «São Luiz»: 4ª semana de exhibição! O «Clen» na temporal!
A VIUVA ALEGRE
No programa: um sensacional JORNAL FOX, com AS FESTAS DO JUBILEU DE JORGE V

Foi hoje ouvido mais um medico sobre o caso dos seguros de vida

(Continuação da 5.ª pagina)
reapitulado as declarações do doente, o qual as confirmou com pequenas alterações.
—Qualquer medico de mediano saber, observaria os sintomas da tuberculose? insistiu a acção particular.
—Vi logo isso, sem difficuldade. Um medico consciencioso encontrava o mal, no ultimo periodo em que tu a examinaste.
O sr. tenente-coronel Tamagnini Barbosa, patrono do reu, fez a reconstituição do depoimento do qual discordou, em grande parte, travando-se explicações de ordem clinica entre ele e a testemunha.
—Conheceu a casa da Emilia Viegas e as pessoas que nela trabalhava? pergunta o defensor.
—Ela tinha uma ajudante.
As instancias foram longas e as respostas succederam-se, pausadamente, devido ao estado de saúde do sr. dr. Alexandre Assis. Às 15 e 45 a sessão foi encerrada para continuar na segunda-feira, ás 13 horas.
Na rua Zaire juntou-se muita gente a comentar o caso lido em Portugal.

O PORTO pelo telefone

Roubo de peles de raposa
PORTO, 17.
A firma Rawes & C., representante duma companhia de seguros estrangeira, comunicou á Policia que, dum fardo com 23 peles de raposa, no valor de cerca de 12.500 francos, vindo do Havre no vapor «5. Siquis», foram furtadas 22 daquelas peles, tendo sido encontrada uma, embalhada em farrapos de serapilheira e com fio de seda, possivelmente roubado tambem. O referido fardo, ao entrar na Alfandega foi, como é costume, pesado e selado, não mostrando sinais de violação, pelo que é de presumir que o roubo se tivesse dado após a sua chegada.

Automoveis que desapareceram
A pedido das autoridades de Fafe, foram dadas ordens á Policia para serem apreendidos os automoveis N. 7647 e N. 7616.
O primeiro já fóz apreendido e era conduzido pelo motorista Guilherme Bastos da rua do Monte de S. João. No acto da apreensão foram presos 2 passageiros, conhecidos da Policia como cadastros.

Um medico americano descobriu a cura da asma?

WASHINGTON, 17.—Numa conferencia scientifica que se realizou ontem á noite nesta cidade, o dr. Stephen J. Manner declarou que descobriu um sôro infalivel para curar a asma. Aparentou que punha á disposição dos médicos o seu sôro, para que eles pudessem realizar as experiencias que julgassem necessarias.
As declarações do medico norte-americano causaram grande sensação nos circulos scientificos de Washington.—(United Press)

O conflito italo-etiope

LONDRES, 17.—Chegou a Londres esta manhã, em avião, sir Eric Drummond, embaixador da Gran-Bretanha em Roma, que vem conferenciar com o governo acêrca do conflito italo-abexim.—(Havas)

BERLIM, 17.—Os jornais negam que a Alemanha tenha qualquer intervenção no conflito italo-etiope e insurgem-se contra o que se tem dito a tal respeito.—(Americana).

O funeral de Pilsudski que hoje se realizou revestiu-se de grande imponencia

VARSOVIA, 17.—Nota-se hoje em toda a cidade um movimento verdadeiramente extraordinario e desusado. Uma imensa multidão percorre as ruas, as delegações afluem á catedral em volta da qual muitos milhares de pessoas esperam. Às 9 e 30 começam a chegar ao templo as missões estrangeiras, civis e militares ao mesmo tempo que tocam os sinos da catedral assim como os de toda a Polonia. O repicar dos sinos em todo o país—radiodifundido para Varsovia—ouve-se em toda a capital por meio de poderosos alto-falantes, chegando por vezes a ser dominado pelo grande sino historico de San Segismundo, na catedral de San Mawel, em Cracovia.
A catedral de Varsovia está coberta de negro e das janelas pendem longos crepes. O catafalco está em plena luz, armado no meio da nave central e coberto de escarlate. A espada e o bastão do marechal Pilsudski e o seu capacete de legionario—recordação da campanha de 1914—estão collocados em cima da urna.
Às 10 horas deu-se inicio á cerimonia religiosa, presidida pelo cardinal Karowski, arcebispo de Varsovia, auxiliado por varios bispos e altos dignitários da Igreja começando por uma missa cantada. Em frente da urna encontra-se Moscicki, presidente da Republica, atrás do qual tomaram lugar Mgr. Marmaggi, Nuncio Apostolico, delegações da Camara e missões estrangeiras, vindo-se entre estas Pierre Laval, marechal Pétain general Goering, Léger e Laroche. Imediatamente atrás da urna tomaram lugar a Viuva de Pilsudski, suas duas filhas e toda a familia do defuncto marechal.
Fimda a cerimonia religiosa, a urna, aos ombros dos membros do governo que foram companheiros de armas de Pilsudski, é levada para um armão de artilheria. Às 11 e 45 o cortejo pôs-se em marcha. Drezser Inspector do Exercito, comanda os destacamentos militares. Á frente do armão, segue um carro com as cordões officiais pelo presidente da Republica, governo estrangeiros, Dieta, Senado, etc. Vem em seguida o carro com os representantes da Igreja e depois, puxado por seis cavalos e completamente rodeado por officiais, o armão onde repousa a urna coberta com a bandeira nacional. Imediatamente atrás da urna vê-se a viuva do marechal, apoiada no braço do inspector geral do Exercito amigo e successor do marechal, seguida pelo presidente da Republica, governo, missões estrangeiras, officiais superiores, Corpo Diplomatico, delegações das Universidades, Academia de Letras, Ciências, membros da Dieta e Senado, magistratura e por fim o publico. O cortejo atravessa as alas de povo que acorreu a prestar homenagem ao grande soldado passando pelas principais arterias da capital até ao campo de aviação de Mokotov situado a cerca de 8 quilometros, onde as forças desfilaram perante a urna.—(Havas).

La Camara Oficial de Comercio y Navegación de España en Portugal
encargada de confeccionar un informe recogiendo las asociaciones del comercio español en Portugal, invita a todos los comerciantes españoles a que por escrito envíen a esta mayor urgencia, sus puntos de vista y aspiraciones a sus oficinas Rua Soltre, 1.ª Lisboa.

O uso do calçado de borracha "Lusbel" não prejudica a saúde mas atrofia unicamente os interesses de certos negociantes de cabedal.

O uso do calçado de borracha "Lusbel" não prejudica a saúde mas atrofia unicamente os interesses de certos negociantes de cabedal.

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA—Telefone 20271

UM CASANOVA PORTUGUÊS

Os amores do Cavaleiro de Oliveira com uma princesa de Bessarabia



AQUILINO RIBEIRO

Aquilino Ribeiro nos intervalos do seu labor de romancista, continua a escavar a existência aventureira e misteriosa de Cavaleiro de Oliveira, o primeiro jornalista do século XVIII. Nas suas memórias que são saborosas e pitorescas, vivas e directas fala de toda a gente—e sempre muito dele. Aquilino Ribeiro, em paginas coloridas desvenda alguns episodios amorosos desse «Casanova» português que, de audácia em audácia sentimental, chegou a perturbar o coração de uma princesa, do melhor sangue azul. Os portugueses foram sempre assim—assim como ides vêr.

A's apalpadelas, como homem que joga a cabra-cega diante dum rebanho de joviais e bulhosas damas, estendendo o braço a pinhar, sob mascara, sob disfarce, sob anacronismos, as adoradas de Francisco Xavier. Uma se deixou pegar: Maria Elisabetha de Valáquia, esposa de João Rodolfo de Cantacuzeno, príncipe de Valáquia e duque de Bessarábia, neta do landgrave de Hesse-Darmstadt, princesa de sangue Hesse-Cassel. Pela boca dum rustico chama Francisco Xavier insolentíssimos aos seus olhos e aqui e ali peltos livros fora, a imagem dela parece a figura luminada, adrede disposta para delectar. Como grandes inculcadas os dotes da sua formosura e invejáveis as prendas do seu espirito. Falava com elegância todas as linguas cultas da Europa e ninguém lhe prelevava em jogos de graça e de entendimento. Era das tulipas mimosas da corte. Professando o credo literario, era tolerante com todos os cultos, com a mesma majestade beifando quer a cruz carmezim, bordada no pantufo de séda branca do capelão catolico da casa, quer ouvindo missa celebrada segundo o rito grego, para o que igualmente dispunha de capelão.

João Rodolfo Cantacuzeno era um rei no exilio. De começo, quando Fran-

cisco Xavier o conheceu, habitava no bairro modesto de Gumpendorf, vivendo com estreiteza, mas estimado da alta sociedade de Viena. Quando Francisco Xavier all appareceu ajudado de fidalguas, tiltando o espadim de cavaleiro professo, o príncipe, porventura sonhou nele um filão a explorar. Relacionaram-se e breve eram amigos. Francisco Xavier caprichou em mostrar-se a altura daquela nobre indigência, custeando o coche em que madame ia espalreecer, os lugares na Ópera, que a face dela illuminava, e os alfinetes que é o mais caro no ornamento duma princesa. Arruinava-se sem pestanejar. Em paga de tanto, do primeiro filho que houve o casal elle foi o padrinho.

O príncipe era homem mole, indolente, mau cavaleiro, nada marcial, todo entregue aos seus cães e ao seu cachimbo, de feito bonacheirão como transparece de certos lances, narrados por Oliveira. Elle proprio dizia que ao voltar á posse dos estados de Valáquia e Bessarábia, o seu titulo de soberano seria sbougres e de sua esposa sbougres.

Não voltou á posse dos estados, mas o imperador nomeou-o coronel dum dos regimentos de hussardos, e o período angustioso das vacas magras passou á historia. Já habitava no palacio do archbispo de Viena, que lhe cedera o conde de Cervellon, grande de Espanha, a Josephstadt, e permitiu-se, então, culdar a real barria do seu nome. Adquiriu cavalos, galgos e abões, renovou a equipagem e, mandando retratar a esposa por artista sem nome, que compoz uma pintura que se parecia tanto com o original como lagartixa em uma estrela, ou o sol com um cachimbo, Francisco Xavier, em tom de chalacha, censurava: «Se o pintor tivera trabalhado nesta obra para homem que não lhe pudesse pagar, seria pena; porém, tendo-a feito para um príncipe que lhe pode satisfazer conforme o seu merecimento, sou de parecer que lhe mande cortar a mão direita e a se é canhoto, ambas as duas».

Que o idilio não foi de grande duração, ou cedo foi vergastado por ventos adversos, julgo advinhá-lo numa carta á condessa de Brille, outra adorada, onde diz, dois meses decorridos sobre o seu regresso de Holanda: «Quando avistei Iisdorf, andava passeando na estrada daquelle lugar uma ingrata entre um traídor e um demonio. Tinha o diabo tantos cornos, tinha o traídor tantos rabos e a ingrata, tão pouca vergonha que, espantando-se os cavalheiros, me atemorizei... Vós sabelis muito bem de quem falo».

A confirmar esta suspelta, vêm as desavenças com o príncipe, por este aguentar contra ventos e mares, como amante, uma Benedicta que lhe custava os olhos da cara, ou não sei porquê, desavenças que transparecem duma carta ao Padre Joseph Augusto em que o mete a jocosos como coronel de hussardos e cavaleiro assustadico que, ante um cão morto na estrada, apela e passa de cavallo á redea. Adiante, chama-lhe balxissima pessoa e demora-se a contar as birras e tricas do casal com uma minucia de esculdeiro que lhe pulsasse a vida intima.

Depois, os amores com Maria Elisabetha entram num período de acalmia de não existência, parecendo volver á fase primeira do galanteio obsequioso mas descuidado. Ella manda-lhe lenços, um barrete bordado, queijos amassados pelas «mãos saloias» de Burgesdorf, que elle agradece com solécia de cortesia. Mas o amor havia-se esgarçado... aquelle barrete o dizia.

Aqui feneceu a ligação de Francisco Xavier com a princesa de Valáquia, imagem em principio, meio e fim, das belas aventuras humanas. Mais tarde na «Recreação», quando o tempo sarou as feridas, os príncipes perpassam como sombras amáveis e saudosas na sua memoria agradecida.

Além da Maria Elisabetha, duquesa de Bessarábia e princesa de Valáquia, outros amores logrou em Viena Francisco Xavier, Belisa, a condessa de Brille, freirinhas do convento Ara-Coeli, uma dezena de marquessas e um ror de arvétoas sem timão. O seu epistolario é um arquivo de D. João. Sob que nome se encobrirá nele a segunda esposa, Maria Eufrosina de Puechberg?

Pela menção que Francisco Xavier faz do havers do sr. de Puechberg, avô de Maria Eufrosina, moradas em Viena, arrabaldes, Naistat, possuindo todas o nobre privilegio de asilo, o seu casamento, se não fosse a lei dos vinculos que escassas vertalhas deixava aos filhos segundos, não nos parecia, de todo, falho de conveniencia. Pelo menos, conveniencia moral. E' possivel que representasse para elle a solução do problema imediato, aguentar-se em Viena enquanto a sua deprecada corria em Lisboa o gabinete dos ministros.

A neta de Puechberg sempre deveria possuir o seu prato de lentilhas e foi em torno dele que transcorreram os dias silenciosos de Francisco Xavier, apenas assinalados na «Viagem á Ilha do Amor», ainda que a assinatura essonada, provavelmente, um dolo: «Montanha da Alféito, no dia mais critico do ano de 1738».

Não seria pois feliz, não obstante o conforto dum peito de mulher, Francisco Xavier de Oliveira. A febre da alçada que movia em Lisboa, as recordações amargas do passado, amores e desdems, amizades e ingratiões, deviam ulcerar-lhe a alma de decalido. Em fins de 1740 achava-se na Hollanda, occupado com a publicação dos seus livros. Dall dirige a Diogo Machado (19 de outubro de 1742) a carta em que se chora da perda recente de sua mulher Maria Eufrosina.

Apenas quatro anos estaria, pois, casado, transcurso breve, levemente mais dilatado que aquelle que marcou o seu primeiro matrimonio. Francisco Xavier devia ser evolage, mas não cremos que nenhum Barba-Azul. Parte do tempo passava-o longe do talamo conjugal. Por um mau curso de circunstancias, porque o seu temperamento o obrigava á evasão, por orgulho na sua pobreza? Não se averiguaria sufficientemente das elocubrações literarias que, quanto ao amor e matrimonio, se nos desparam nos seus livros. A arte, momentaneamente no século XVIII, era uma mascara da vida. Mas, em ultima analyse, o Cavaleiro era fa-

tal ás mulheres. Morreria ella ao cabo de quatro anos de fome e felicidade?

Transitando para Londres em 1744, dois anos depois casava pela terceira vez com uma senhora de origem franceza, a avallar pelo nome, Françoise Hamon, citado no testamento, e ainda pelas circumstancias atrás referidas quanto á estada dele em Inglaterra em que preleva aquella sua confissão: «man age et mes occupations ne m'ayant pas permis de m'appliquer à l'étude de la langue anglaise que j'ignore entièrement. Tinha o Cavaleiro 44 anos de idade. Deste conjugio houve uma menina que morreu jovem. Que foi feliz com a sua nova esposa assevera-o elle: «Já lá vão dez anos que renunciei deversas a todo o commercio voluptuoso, entregue de corpo e alma ao affecto conjugal. Só este dispôo do privilegio de moderar o meu gozo pelo estudo que, levado ao excesso, me era nocivo á saúde. Nele depositei as delicias do tempo que me sobra de vida se Deus, aceitando os meus votos, conservar a esposa, senhora de toda a minha ternura, pois é modesta, discreta e complacente».

Com funda melancolia, toda a sua sensibilidade de homem que se vê á margem da vida, em transe, escreverá um mês depois: «Frequentemente encontro, sobretudo em St. James-Square, muita mulher bonita e muita rapariga adoravel. O meu estado, a minha idade, a minha complexião, prohibem-me de as cubicar. Gosto, todavia, de olhar para ellas, quanto mais não seja para bem-dizer o Criador. Pois, mal me ponho a considera-las, voltam-me a cara ou largam a fugir sem piedade!».

As raparigas voltavam a cara ao amante de Maria Elisabetha, de Joana Morina, da misteriosa e altaneira Belisa. Que reversão de valores no transcurso do destino! Seria algum decaído de olhos pretos e barba a sua huguenota?

A primeira vista esta sua esposa devia, carnalmente, representar em fisionomia e no resto a feta, austera, e dura Igreja Anglicana que jurara. Em contraposto da esmola que recebia teria de aturar uma megera que o levava a olhar com embevecimento as «grilas do Hide-Park e a dobrar-se saudosamente sobre o seu passado amoroso. E estávamos a vê-la magra, vestida de preto, tirada do Salvation Army, já formado ou em formação no cerebro dos puritanos; áspera, mulher enxota-cães. E nada disso. Era franceza de nacão ou de origem, naturalmente branda, melga e voluptuosa. Ha homens que têm sorte diabolica com mulheres e este aventureiro era um deles. A «petite» Françoise, que lhe sobreviveu, ia ele nos 81 anos de idade, foi-lhe parar ás mãos moça, bonita e virginal. Porque não, se era homem de sortilhejos?

Francisco Xavier, banido de Viena pela sua conduta pouco delicada, vendido pela influencia do todo poderoso Manuel Teles da Silva, que se alíara mediante casamento aos Holstein e servia o imperio, vivuo da alemã Maria Eufrosina, encontrára aquella boa vida nos nevoeiros de Londres e foram os dedos dela os ultimos a enxugar-lhe as lagrimas e a partir com elle o pão duro da miséria.

AQUILINO RIBEIRO

Dialogo dos Pronomes

POR JOAQUIM MANSO

Interlocutores

Eu
Tu
Ela e Ela
Nós
Vós
Eles e Elas

EU—(diante do espelho e fazendo o nó da gravata)—A primavera encanta-me, porque me sinto disposto a apreciar a vida como as mulheres admiram uma joia de muito preço. Quizera cantar a loucura ardente que me abraça o sangue enchendo a minha imaginação de delírios e de palpitações ardentes...

TU—Tem cuidado com os teus entusiasmos que sempre são passageiros e enganosos. Absorve-te tanto na admiração de ti próprio que, quando ou outros te não elogiam, já te julgas ofendido. Convinha-te meditar pausadamente, dentro das salas dum palácio abandonado, para perceberes que outros *Eus*, teus antepassados, expiraram entre apagadas memorias do muito que sonharam e do pouco que conquistaram. Defende-te da egolatria.

EU—A boa educação não te ensinou a reconhecer a minha superioridade sobre a turba vil em que te confundes. A inveja queima-te as entranhas; jasta que me vejas pôr uma nova perola na gravata para te indignares, clamando que ha pobres sem pão e noivas sem enxada. Pretendes acaso que renegue do meu estro para me confessar teu irmão?

ELE—E's orgulhoso. Pior do que isso —socebro. Pensas tanto em ti que fugiras de vergonha se tivesses de sacrificar-te por uma causa nobre. Os da tua especie acabam á porta das igrejas a pedir perdão a Deus das blasfemias que lhe dirigiram.

ELE—Não repares, querido *Eu*, no que eles dizem, pois te seguem os passos, a lamuriar, a censurar e a pregar a revolta contra ti porque imperas ao alto dos desejos sordidos e das criticas odiantas, mas sem grandeza. Tens vinte e seis annos, para além dos quarenta, trastam-se apolados em muletas—melancolicos e avimados.

ELE—Nem se podia passar sem pousar os olhos no belo Adonis que te agita o coração, como a lua a palidez magoada das altas torres nocturnas e convencionais. O amor exige que tu, meiga rolinha, te entregues submissa ao amado carcereiro. Duma cousa deves estar certa—a dôr espera o teu noivado para te algemar.

ELE—Que suave prisão! que gostoso sofrer! Deus collocou *Eu*, sob a minha janella virada ao nascente, para que achasse alguém que me conduzisse pelo braço á revelação necessaria da angustia que salva. Que plenitude na felicidade deixar-me pisar e esmagar numa oferenda total, no anipulamento exaustivo dum peito que solça!

TU—(com o gesto cínico de homem que não tolera a innocencia das virgens nem o talento dos vates) Linda *Ela*, sobes ao Calvario, caminhando sobre lírios. Serás crucificada com pregos de ouro. Do teu seio brotará a ambrosia que os proprios deuses saboreiam deliciaes. Na hora da agonia, os teus labios descerão-se ao para murmurar:—Como morro contente ferida pelo príncipe que escolhi e me deu a saborear o bem e o mal!

EU—Não prestes atenção a individuos sem maneiras para os quais a paixão representa, quando muito, o eco longínquo dum poema anonimo. Que buscam um e outro? O bordão do peregrino em troca da espada juvenil que brilha ao sol das victorias. Alheem-se da febre de criar com originalidade, indifferente aos canones e aos mestres. *Eu* sou *Eu* e, além de mim, nada mais; a não ser o rózar de imperar o meu estro á cidade e ao imperio dos humildes. Palmas, quantas me deem todas me pertencem—como a riqueza ao cofre do avarento.

NÓS—(depois de escutar com sorriso piedoso as ultimas palavras de *Eu*, te-

vanta a destra a fim de introyir arduamente na conversação). Alto lá, ora temanha basofinal Acordá-vos em ti e por essa creança suprimes os varios personagens do discurso. *Eu* sou *Eu*, afirmas sem reboço, qual ego que, depois de encher o bernal, exclamaste:—«Sou milionario!». Mais devagar amolo: a modestia fica bem, até aos tempos. A tua mocidade cega-te, a ponto de imaginares que o cristal em que te miras é Inquebravel. O egolismo paga-se caro, sobretudo quando nos entretemos com idéas iguais a esta—vencedor não aceita lei nem dever. A experiencia ha de livrar-te da adoravel ferocidade com que aspiras ao papel de Cesar. A familia humana exige de cada um de nós desinteresse, bondade e colaboração fraterna.

TU—Falas como a Escritura e mostras perfeitamente que os erros se corrigem e as violencias se moderam. Acaso não somos todos vergontes de um tronco comum? Cabe-te a missão delicada de lembrar aos esquecidos que o Diabo anda, entre nós, a desmuntir e a intrigar. E's, sem lisonja, o espirito e o laço da colectividade...

EU—Quem te não conhecer ha de crer que trazes no seio o fervor dum apostolo. Parece-te com Tolstol que espalhava com os seus livros a resistencia passiva ao mal, mas se esquecia de tão bela doutrina junto da esposa. Não contes comigo, enquanto não modificares a tua conduta e sobretudo o mau costume de considerares teus dilectos quantos, impolidamente, bebem pela mesma taca o vinho generoso e a zurrapa plebeia.

ELE—Quanta nobreza nas tuas replicas! Adoro-te pela naturalidade desdenhosa com que afastas os importunos.

VÓS—(com um velho gibão de seda desbotado e estambrado)—Tenho estado calado porque detesto as cenas em que o discurso perde a compostura e a frase se torna aggressiva e desalinhada. A nossa situação de pronomes pessoais contraria as aventuras que não sejam corteses e academicas. Sou introdutor de embaixadores na corte e nas salas indico ás duquessas como se seguram as ligas. Sujeitamo-nos ao ritmo e á pura harmonia das sociedades onde a gente se aborrece, sem trair as severas normas do tedio. Quando da minha recente viagem a Snoblandia, fui recebido por sua majestade el-rei Caduco I que me acolheu com adoravel familiaridade, dizendo-me:— Estimado Vós, concedo-

te a grã-cruz do Estilo Sublime pelos primeiros e loucanias da linguagem que destilas dos vernaculos labios. Beijei-lhe a mão, honrado e desvanecido, com este agradecimento:—Possa, Vossa Majestade, por favor dos Ceos e gratidão dos povos, reinar largamente com lustres e gloria do idioma em que os maiores engenheiros têm celebrado os vossos louvores. Nunca consentirei, pois, que, na minha presença, secometam violações ás regras da concordancia—tão necessarias para conter rebeldias como justas par' orquestrar periodos.

ELES E ELAS—Os pavões andam na suposição de que os astros do firmamento nasceram na sua cauda. Como situam alto a sua vaidade! O nosso pomposo Vós pavoneia-se com a convicção de que ele é o verbo, a linha aristocratica do porte, a capa figurante do ensino magistral. Misero e mesquinho como as rainhas viuvias que tanto venera, ajusta com dificuldade a heraldica com a gôta! Os seus compassos de menuete anunciam fadiga, um quebrar de espinha que se adquire com a pratica das venias. Ignora que o estilo depende do musculo, do sangue e da juventude.

EU—Enfim, surge alguém que me compreende...

ELES E ELAS—Mais calma, manco! Nós somos toda-a-gente, ao passo que tu aspiras a ser unico no gozo da fortuna e dos prazeres que ela concede aos seus celestos. Para nós entendermos, é foroso que te demitas dessa estólida impertinencia que te leva a collocar a tua pessoa á frente da vulgar turba:—«*Eu* sou tenente», «*Eu* quero», «*Eu* mando», «*Eu* prohibo...». Faixa do trono e mistura-te com os figurantes da comedia humana. A bater o ferro e a cavar a terra, aprenderás a medir a tua propria dignidade. Só ha verdade, no trabalho e no estudo...

NÓS—Els o terreno em que nos havemos de compreender, e amar! Quando lemos uma pagina de Vieira nota-se logo que não emprega dissonancias nem redundancias nem arabescos desnecessarios. Os nomes e os pronomes obedecem a uma batuta infalivel. O príncipe dos oradores não diz *Eu*, como os clarins tocam as cargas de cavalaria. Inclina a frente, para que o pecado o não tente. Humilha-se, a fim de exaltar o Evangelho. Imitemo-lo, que a verdadeira sabedoria consiste não em dividir

mas sim em conjugar os esforços para realizar uma obra imortal.

EU—Mas em que deploravel estado vocês me vão deixar, se eu me render ás vossas razões... Aconselhaime, então, que me diminua, embrulhando a minha fogosa mocidade nas folhas secas da vossa prosaica saplência? Tontos, tontos sem possibilidade de emenda! No dia em que a impaciencia que sinto nos nervos se resignar ao culto das novidades inalteraveis e sabidas que vêm no calendario, o mundo empalidecerá, definhando na desolação. O meu valor desaproveitado, a minha eloquencia esnudecida condenar-me-iam á situação de obreiro dum a tarefa banal e inutil. Recuso!

TU—No fim de contas, tens medo de figurar entre pessoas honestas. Preferes dar nas vistas, pairar sobre um arraijal, qual pápagaio de papel, em vez de seres membro dum a comunidade laboriosa. Oscar Wilde, depois de loado pela desluz, confidenciou a André Gide:—«*Munha*, te envaleças com a tua personalidade, porque o *Eu* é mau conselheiro e promotor de catastrophes».

ELE—Não sejas desagradavel nem desagradecido a quem se limita a ser leal á sua vocação. Através da historia o *Eu* marca a sua passagem de senhor, de profeta, de artista e de filosofo. Se não fóra ele, até a colera que ás vezes te revolve as entranhas se gelaria na tua boca amarga e engelhada.

ELES E ELAS—Esta menina necessita dum clastro para se acautelar nas expansões exageradas dos sentimentos que lhe perturbam a candura.

VÓS—(num grito impotente de apaziguador de tumultos). Tanta palavra atirada ao vento! *Eu*—só agora cedo á evidencia—luta para se não apagar, confiando o discurso a personagens de segunda ordem. Se a sua laringe tem mais gritos, a sua paléta mais tintas, a sua quimera mais deslumbramento e a sua bravura mais arrojo não podemos detê-lo na sua marcha. A natureza que o enriqueceu reclama o cumprimento das suas obrigações. Quem me dera igualá-lo! Por infeliz azar, troquei a invenção pela imitação. O lugar comum vestiu-me a sua farda. A retorica inflama-me mas rouba-me a sinceridade. Felizmente que attraverso agora um minuto proprio ao arrependimento. *Mea culpa!*

EU—A tua boa fé te absolve. Deus manifesta predileção pelos peccadores que espontaneamente confessam as suas culpas. Ao menos, não te abastardaste como alguns dos teus irmãos que se sarapintaram de zarcão para se incorporarem no Carnaval dos instintos, á redea solta...

ELES E ELAS—Viva a multidão que fornece ao génio a materia prima das suas maravilhas!

EU—Viva a forma que aprisiona a materia, dominando-lhe a feresal!

ELE—Chegamos ao termo da parlenda. Os pronomes, assim como os homens, divergem e argumentam, mas recobram com a discussão novo vigor. A sintaxe é a disciplina da persuasão. Na prosodia, as vogais constituem-se em orquestra. No amor, *Eu*, *Tu*, *Ela* e *Ela*, *Nós*, *Vós*, *Eles* e *Elas* avançam de óngens vendidos, á busca da *Pons vitae*.

ELE—Tanto barulho para nada! Fica tudo na mesma, desde que é a mulher que traga o arco-iris da paz. No seu enigma, o difficil está em distinguir a unidade da variedade, a essencia da aparência.

ELE—Assim como sou, não ponho venda para me encobrir. Multiplico os desejos, mas uso os affectos. Eis a minha verdade: vivo sempre ao largo do canto que inspiro.

16-V-1935.

JOAQUIM MANSO

Gravura em madeira



Uma das obras que figuram na exposição de arte polaca, agora realizada em Madrid

Notas em circulação



Livros brasileiros. Hello Viana é um moco historiador de solida erudição e espirito reflexivo, que do passado procura tirar uma lição social e politica. O livro que acaba de publicar com o titulo «Formação Brasileira» coloca-o a frente do grupo numeroso de novos ensaistas do Brasil. De esperança que era para os que já o tinham lido numa revista portuguesa—«Descobrimto»—Hello Viana tornou-se uma grande certeza. Grato nos é saudar essa afirmação dum novo valor, tanto mais que se trata de alguém que, escrevendo a historia do Brasil, procura, e consegue, fazer justiça á politica colonial portuguesa.

Gastão Pereira da Silva é conhecido de alguns portugueses pelo livro sobre Procopio Ferreira, curiosamente intitulado «Um para 40 milhões», isto é: Um actor para todo o Brasil. Esteo analista de rigida envergadura, Gastão Pereira da Silva é autor dum lucidissimo volume: «Para compreender Frend». E' dessa Introdução ás theorias do sabio de Viena que acaba de aparecer agora a 4.ª edição, demonstrando-se assim, praticamente, o interesse que despertou. Escrita com toda a clareza, nem por isso essa obra visa apenas a divulgação. Se o publico a compreende, nem por isso lhe falta o valor científico. Obra de esclarecimento, é o que ela é, e muito bem feita.



Napoleão está em moda. Albert Thibaudet—cujos meritos de conferencista a gente culta de Lisboa já poud apreciar ha tempos, na Sociedade de Geografia—dá-nos o perfil de escritor do ter-rível guerrilheiro. Acentua-se que Napoleão foi, escrevendo, ora classico, ora romantico—classico na correspondencia ditada, romantico no «Memorial de Santa Helena». Verdade é que verdadeiramente grande nessa correspondencia, de caracter militar, estratégico e diplomatico, no resto é por vezes pobre de expressão, ou enfático demais. Thibaudet, no entanto, não o considera fora de lugar, e até o coloca ao lado de Stendhal, a quem apellida de unico escritor bonapartiano. Enfin, Napoleão não cessa de interessar os intellectuaes da França e de muitos outros países. Não haverá exagero em tão permanente admiração? Se o ha, não o devemos senão aos paizos imenso e fundo que esse conquistador de povos e de almas fixou na historia da Humanidade. E, em suma, esta foi mais sua vitima do que beneficiária da sua ambición sem limites...



Ainda se discute a intelligencia de Vitor Hugo. As festas commemorativas do 50.º anniversario da sua morte vão ter brilho excepcional. Mas ha quem as supponha imprecisas, e, como não é possível negar o genio do poeta e do prosador, procura-se diminuir o valor da sua mentalidade. Brincadelas de mau gosto. Vitor Hugo não ganha nem perde em que lhe neguem intelligencia. Tal-

vez mesmo não a tivesse—no sentido estriito da palavra. Mas tambem não precisava dela. As outras virtudes de escritor e vate, que possuia em grau maximo, dispensam-no de ser mestre na arte de raciocinar e na missão de pensar filosoficamente. Acaso Homero é acusado de falta de intelligencia? Não consta... As pessoas que, na obra de Vitor Hugo, andam á cata das manifestações, allás invisiveis, da sua debilidade mental, deveriam primeiro explicar o motivo da sua apaixonada pesquisa. Então se compreenderia que o

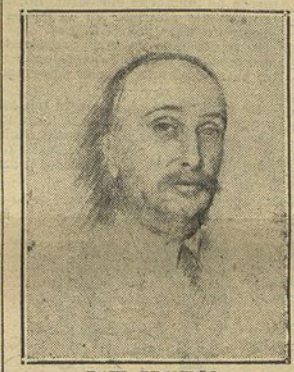
presumido amor da intelligencia é, em certa gente, culto do mediocre, recio das altitudes, incapacidade de entender e sentir a beleza—ou embragação politica. Vitor Hugo—estupido? Eis o que apesar de tudo necessita de demonstração clara. O pior é que os livros do lirico e épico prestigioso ali estão para nos deslumbrar com a sua claridade fulgurante—para a qual não se enocitrou até hoje prisma bastante limpo que a decompuzesse nos seus elementos, que permitisse isolar e definir as suas varias e purissimas cores...



Tomaz Mann publicou os dois primeiros volumes do seu romance «Jósé», que desde já a critica aprecia como a sua obra mais consideravel. Trata-se do José biblico, interpretado de maneira nova pelo famoso escritor. E' um livro forte, sincero, austero, na inspiração e no tema. Tomaz Mann abandonou a sua attitude de evocador dos sentimentos moribundos, das coisas tristes, das maguas subtilezas, das angustias inexplicaveis e infundaveis. Tornou-se visivelmente afirmativo, e este romance que tanto tem impressionado os admiradores de Mann, é quasi optimista. Curiosa transformação da mentalidade do escritor—que, perto dos sessenta anos, conquista a alegria necessaria ou a serenidade indispensavel perante a dor do mundo, e dela extrai motivos, imagens e energias de amor e de fé. E exemplo raro, o seu, sobretudo, em momento tão perturbado e ansioso para todos quantos observam e conhecem a inquietação e o sofrimento do mundo contemporaneo.

. DOIS PERFIS Medicos de Coimbra Um admiravel inedito de Raul Brandão

Conheci em Coimbra um grande medico, o Daniel de Matos. Era um tipo feio, brusco, adovel, com a boca enorme entre a barba rala dum castanho já desbotado e o olhar luminoso de bondade. Era um tipo aspero, com delicadezas extraordinarias, casca rugosa por fora escondendo um grande coração. A dor humana, a miseria humana, não o tinham endurecido. Ao contrario. E o que o fazia rubujento era a propria doença.—Eu sou o homem que em Portugal tem menos passações.—Algumas vezes o fui encontrar na meia obscuridade do quarto agarrado ao pulso, e com aquele olhar, que nunca mais esqueço, dos que vêm a morte aproximar-se passo a passo. Sustentava-se de leite e de bocadoes d'apucar. De quando em quando desaparecia um dia ou dois (a doença prostrara-o) mas logo, de cadeirinha ou apegado ás paredes, se encaminhava para o hospital. E então, no consultorio começava a barufastar, a pregar a torto e a direito e com toda a gente.



RAUL BRANDÃO

—Pagar!—bradava indignado a uma pobre mulher do povo.—Eu leve-te alguma coisa da outra vez? Põe-te lá fora!

—E para um homem alto e magro com uma criança ao colo: —Eu não o mandei vir aqui! Disse-lhe que fosse ao hospital...—Mas logo diante da cara apavorada do desgraçado agarrado á criança doente:—Espere... E o pequeno? Vamos, espere um bocado... Entre, em primeiro lugar estão as crianças.

—Eternecia-se facilmente, mas facilmente tambem, e dentro do mesmo minuto, já estava a ralhár com os enfermeiros e os doentes que e adoravam.

—Duma vez disse-me referindo-se aos medicos industriais: —Sabe o que eles não têm? E' vergonha nam caracter.

—Outro medico conheci muito mais tarde, com o mesmo desinteresse, igual desprezo pelo dinheiro e uma gatorina de cometa esvoaçando ao vento.—Elisio de Moura. Passava por bruxo. Viam-no nas ruas com o cabelo em pé e o ar sonambulo de quem não pertence a este mundo.

—O' senhor doutor, porque é que nunca pondo o chapéu na cabeça, nunca larga o chapéu da mão?

—Porquê? Porque costume ás vezes ir passar um bocado com os amigos a certa loja conhecida, e podia-me succeder que as criadas vendem sem chapéu, me julgassem da casa, e me pedissem um quilo de apucar.

—Dele se contam coisas extraordinarias: as suas respostas aos doentes ricos:—Vá a outro, aos ricos não faltam medicos!—; os casos extravagantes que resolveu e os milagres que fez com meios simples. Havia, por exemplo, um doente entredado no hospital ha muitos anos. Estava lá para um canto, ao pé da janela. De manhã chegava um enfermeiro, dava volta ao folhelo do colchão, e ninguém mais lhe dava importancia. Era um caso arrumado. A esse tempo começara Elisio de Moura a estudar doenças nervosas que ninguém conhecia em Coimbra, e interessou-o aquele pobre homem paralizado e abandonado. Viu-lhe os reflexos e um dia resolveu apresentá-lo ao curso e curá-lo diante de toda a gente.

—Se as coisas não lhe corresseu como julgava, o fiasco era completo! Mandou-o pôr no colchão atrás duma porta, e, a certa altura da lição, berrou, virando-se para o sitio onde o haviam colocado:—Levante-se! Avance!—E o pobre homem como Lazaro, ergueu-se e caminhou estupefacto entre a estupefacção geral.

—Doutra vez appareceu-lhe no hospital uma mulherzinha dos arrabaldes, que não mexia um braço ha muitos anos. Levou-a a um tografo:—Tire-lhe uma fotografia.—Pronto!—E voltando-se para ella com o olhar esgazado e os cabelos ao vento duma tempestade magnetica, bradou-lhe:—Estenda o braço!—A mulher irressistivelmente, sem tirar os olhos dos seus olhos, estendeu o braço.—Tire-lhe outra fotografia.

—Esta força que lhe vem, primeiro do estudo consciencioso dos casos que lhe apparecem, e, depois, naturalmente duma tensão vital superior, é realmente extraordinaria. Mas talvez seja mais para admirar a sua modestia, a sua bondade para com os humildes e o seu interesse comovido diante da dor.

1929.

RAUL BRANDÃO

O PATRIMONIO ARTISTICO da Madeira

Acabamos de ler, no ultimo numero do Arquivo Historico da Madeira, chegado há pouco a Lisboa, a 1.ª parte do estudo que o sr. dr. Manuel de Almeida Caioza Zagalo, consagra ao patrimonio artistico daquela ilha, e confessamos a nossa admiração pelo trabalho paciente e criteriosamente realizado já por aquele moço investigador de coisas de arte, e revelado nas paginas da interessante revista que João Cabral com tanto acerto dirige.

—Conheciamos as tendencias do espirito de Manuel Zagalo e sabiamos da convicção que tivera com o grande mestre que é José de Figueiredo, durante o seu tirocínio para conservador, no Museu Nacional de Arte antiga; mas não podiamos supor que tão depressa, entregue ao seu proprio esforço, na Madeira, para onde a sua vida profissional o conduziu, dêsse provas tão concludentes da sua percepção artistica e realizasse uma obra que se nos afigura muito valiosa, como é a do inventário das riquezas pictoricas meio abandonadas ou quasi esquecidas que se encontram nos templos do Funchal e arredores.

—Inventário que não é apenas um enunciado ábaco e desordenado de tabuas e quadros que ao acaso se vão por via de uma verdadeira relatório traçado com muita consciencia e método critico, onde ha descrições e classificações que são com fundos conhecimentos se podem elaborar, e há autenticas descobertas que muito devem não só interessar mas lisongear o seu já citado mestre.

—Leigo no assunto, simples amator de coisas de arte, evidentemente que não podemos julgar no seu pormenor e a empresa que Caioza Zagalo está levando a cabo na Madeira; mas o que se vê, mesmo a distancia, é que o inventário por ele realizado, o relevo em que coloca as pinturas seculares que se lhe deparam, a tentativa de exposição de arte antiga que com tanto entusiasmo pretendeu effectuar, representam um esforço muito louvável em prol da nossa riqueza artistica e da nossa cultura, a manifestação dum temperamento privilegiado de investigador que não se deve perder, uma obra enfim que vem abrir novos horizontes á arte portuguesa ou cultivada em Portugal e em especial ao patrimonio artistico da nossa formosa ilha conhecida pelas suas belezas naturais mas não pelas belezas criadas pelo génio humano e que Manuel Zagalo vem apregoar com uma fé grata por certo aos madeirenses, aos críticos de arte e a todos os portugueses orgulhosos das manifestações espirituais da nossa raça.

—Oxalá que o moço artista possa levar ao fim a curiosa exposição que com tanto ardor pretende realizar, a que se opuzeram inexplicaveis obstaculos,—e que encontre no incitamento e louvor do sr. dr. José de Figueiredo o prêmio que é devido ao seu perseverante esforço.

CAETANO BEIRAO

—RUTHER.—E' um preparado honesto e de garantia, para todas as pessoas que o usarem poderem atestar a sua eficacia.

—A' venda na Drograria de Vicente Pimentel & Quintans, L.da, 194, Rua da Prata, 196.

UM CONTO POR SEMANA

Aquela canção do quintal

(Confidencias de Raul Azinhaga, engenheiro, celibatário e imaginativo)

Faz agora um ano. Foi num lento dia de maio que ouvi pela primeira vez a estranha cantilena.

Entou-a a criada do rez-do-chão, alegre rapariga, cujas faces reuzem, semelhantes ás das bonecas de Nuremberg.

Mitigando o calor da atmosfera, a sua voz chegou até mim, doce e fresca como uma salsa-parrilha auditiva:

*Quem me dera já cá sábado
É domingo logo ao pé
Para vêr o meu amor
A' tarde...*

Esperei pela continuação. Que ela quizesse vêr o seu amor á tarde—parecia-me legitimo. Mas faltava o resto. O último verso estava apenas esboçado. As convenções poeticas exigiam que o complemento circunstancial *á tarde* fosse seguido por uma rima em *é*, para dar a réplica ao *logo ao pé* do segundo verso. Era assim que eu comprehendia a poesia.

Senti-me no entanto, ligeiramente inq. ieto. Aquela brusca suspensão não se me afigurava de bom agouro. O *á tarde* ficava a vibrar, solitario, originando em mim o descontentamento, a impressão de incompleto que nos causa um foguete de três respostas, das quais só oitavos de flagrar a primeira... E se depois do *á tarde* não houvesse mais nada?! Impossivel! Desde que, no segundo verso, se formulara o desejo (tão razoavel, allás) de que o domingo se aproximasse, *viesses logo ao pé*—forçosamente o anelo complementar *á tarde*, por estar no quarto verso, deveria ter seguimento terminado em *é*, de maneira a fechar-se a abobada lirica...

Contudo...
Impaciente, apurei o ouvido. Não era preciso tanto. A cantora bisou a parte final a plenos pulmões:

*Para vêr o meu amor
A' tarde...*

A minha impaciencia transformouse em angustia. *A' tarde...* *A' tarde*, porque?! Porque não de manhã, ou ao meio dia, ou ao romper de aurora, ou ao crepusculo?!... Decididamente, dizer *á tarde* sem mais nem menos (despretendo sem mais) tinha um caracter de imposição, um tom aggressivo que eu não podia admitir.

A' tarde é uma expressão temporal no entender dos gramaticos, hofensiva no entender de todos os outros mortais. Mas empregada assim, isolada, após três grupos de sete sílabas metricas—molestavam-me, desorientavam-me, fazia-me sofrer.

O ritmo aliciente dos três primeiros versos apressara-se de mim, levaram-me ao transe poetico:

*ta ta ta ta ta ta ta
ta ta ta ta ta ta ta*

*ta ta ta ta ta ta ta
ta ta ta ta ta ta ta*

O quarto verso devia corresponder ao ponto final nas frases escritas, ao acorde que resolve as partituras musicas, á queda do projectil, normal, em parabola... E de repente—*pan!*—caia-me sobre a cabeça o *á tarde*, absurdo e ameaçador, tonitrante e inacabado! Caia como um projectil, como uma granada, sim—mas como uma granada que não rebenta e deixa os alvejados numa duvida terrivel!

A' tarde... sem mais nada. O mesmo que dizer *á tarde porque eu quero, á tarde porque me apetece, á tarde porque me convém que seja á tarde sem que tenha de dar satisfações a ninguém...* Toda a poesia exerce uma função social. E particularmente a poesia das simples canções populares, que se destinam a exprimir sentimentos medios, acontecimentos vulgares, tendencias comuns... Quem canta uma canção dessa ordem tem deveres para com a sociedade em que vive e para com as pessoas que a escutam. Tem obrigação de ser normal, conciliador, acessivel... Não pode mostrar-se excentrico, singular, excepcional... Ora o *á tarde*, proferido no tom duvida affirmativa definitiva, era absolutamente excentrico, singular, excepcional—anti-social!

Conservar na sombra o que poderia acontecer *á tarde*, relegar para o misterio os incidentes possiveis dessa *tarde*—representava pelo menos, uma falta de consideração pelos ouvintes. A cantora declarou, alto e bom som, que ansiava pelo sábado, porque o sábado trazia consigo o domingo *logo ao pé...* Confessara que o referido anelo se justificava pelo apetite affectivo de *vêr o seu amor*. E, quando chegava á altura de pormenorizar, annunciava, sôcamente: *á tarde!*—e ficava por aí.

A cantora não tinha confiança no seu publico! Fora sincera, leal até um certo ponto. Até ao terceiro verso, inclusive, revelara tudo o que lhe ia na alma. Mas, temendo talvez que a traíssem, assaltada por uma repentina (e injustissima) suspeita, ocultava o remate natural do seu pensamento... No fim, procedia com reserva mental. Deixava os seus ouvintes em suspense, atraindo-lhes com o *á tarde*—como quem atrai uma cartilagem dum frango a um cão faminto...

Fechei a janela e retirei-me, indignado, para o interior da casa. A melo do corredor ouvi de novo o gorgojo da minha vizinha, agora esbatido pelo obstaculo das vidraças:

Quem me dera já cá sábado...

Apressel o passo. Dois metros adiante, o domingo logo ao pé alcançou-me. Comecei a correr. *Para vêr o meu amor* penetrou-me no timpano em onda sonora um pouco difusa. As vibrações do *á tarde*, muito distantes, atingiram-me quando já me encontrava na saleta.

Encerrei-me no meu quarto, calafetando as portas. E não ouvi mais nada. No dia seguinte (sexta) a cantora do rez-do-chão não deu sinal de si. Nem no outro dia (sábado). Nem no outro (domingo). Nem ainda durante mais três dias (segunda, terça, quarta). Pouco a pouco, a tranquillidade renasceu no meu espirito.

Na quinta-feira, no momento em que levava aos labios a chavena matinal de café com leite, a inquietante canção irrompeu pela minha casa de jantar:

Quem me dera já cá sábado...

Empalideci. A chavena oscillou-me na mão e o dedo mínimo, segundo as boas normas ligeiramente encurruado, ponto de exclamação... Ecce homo! murmurei, confundindo os sexos.

E domingo logo ao pé

Para vêr o meu amor...

Houve uma interrupção. Alguem perguntara á cantora se faltava

muita roupa para lavar. Ela respondeu «ainda»—e, retomando o folego, entou vigorosamente:

A' tarde...

Pousei a haveña, perturbadissimo. Desta vez a minha sensibilidade não reagira como eu esperava. Pelo contrario: o verso truncado—*á tarde*—embobou-se-me no cerebro, já me não dava a sensação de uma alfinetada dolorosa, uma pancada de *caste-tê*, um arranhão de vidro com a unha... Não! A impressão era quasi agradável... Entretanto, vinha o bis:

Para vêr o meu amor

A' tarde...

Surpreendi-me a pensar: «ainda bem que bisou!». Córei. Seria possivel que eu me regozijasse com a repetição? *Ora vejamos*—ponderel no meu intimo—*este estribilho é absurdo. Perfeitamente... Devia ter sete sílabas poeticas e tem duas. Exacto...* *E' cantado num tom de imposição, um tom orgulhoso, provocador. Tal qual...*

E, de subito, a certeza fiseou no meu espirito, atordoando-me—como acontece ao acenderem-se brutalmente as lampadas electricas, nos intervalos dos cinemas. *Eu começara a gostar do absurdo estribilho!*

Envergonhado de mim proprio, tomei o café á pressa e sai, falando alto, para dissimular o meu embaraço...

De então para cá, decorreu um ano, o que significa 52 semanas, 52 audições com oito dias de intervalo... Aquella canção do quintal converteu-se num dos meus mais apetecidos prazeres.



Continuo a achá-la esquisita, mas por isso mesmo a considero admiravel. Todo o seu encanto reside afinal, no ultimo verso, singular e inacabado... Em vez de dizer tudo, em vez de descer exaustivamente ao pormenor, a cantora cria á sua volta uma atmosfera de enigma—que a embeleza, como uma tenue neblina embeleza as paisagens demasiado nitidas. Em vez de uma afirmação grossolramente completa, o silencio rico de sugestões... Em vez do acorde final—a suspensão, expressiva e subtil...

O que dá relevo e raridade e personalidade áquella canção do quintal é precisamente o verso truncado, o *á tarde* e o seu *splendidi solemem*, como o da Gran Bretanha... Não se tratava já de uma simples quadra popular—vulgarizada, correntia, quotidiana... *E' um caso pessoal*, de que se sabe uma parte e se adivinha o resto. Mas esse adivinhar depende da qualidade do ouvido, da sua imaginação, das suas predilecções, da sua cultura, do seu equilibrio fisiologico da secreção do seu figado e do seu pancreas... Cada um dos auditores adivinhará á sua maneira. O caso pessoal da can-

tora ajustar-se-á, por via de interpretação, aos variados casos pessoais do seu publico. Individual primeiro, social depois—tal a função da Arte em todos os tempos. Excepcional primeiro, generalizada depois—tal a razão do prestigio da Arte em todas as idades.

Bem sei que é difficil desprendermos dos ritmos convencionais, sujeitos ao sistema métrico, como os panos crus e as sarjas. Quando ouvimos, a abrir uma composição poetica:

ta ta ta ta ta ta ta

—esperamos que ela termine, simetricamente:

ta ta ta ta ta ta ta

Mas é apenas um habito, que devemos perder como todos os maus habitos. Tambem os nossos bisavós, dos dois sexos, estavam habituados ás mangas de presunto e á mala-posta e ferlam, se vissemos na actualidade, de se submeter a um rigoroso *sevrage* no captiv mala-posta e mangas de presunto...

A arte poetica usual fornece ritmos em série—como os fatos feltos, em exposição nas montras das alfaiatearias. O figurino de cinco sílabas, o de sete sílabas, o de dez sílabas, o de doze sílabas... A redondilha menor (*robe-de-chambre*), a redondilha maior (traço de quarto, com alamares), o decassilabo sáfico (fato de passeio), o decassilabo heróico (jaquelleo e calças de fantasia), o alexandrinio (indumentaria de rigor)... No entanto, estes figurinos, porque obedecem a proporções médias, não convêm a todos. Pode haver sensibilidades de pescoço filiforme e braços longos, de ombros reforçados e pernas magras... Ficarlam bambolentes e desgraculosas, ou acanhadas e caricaturais, dentro dos modelor em série!

Por tudo isto, as 52 audições da canção do quintal fizeram, gradualmente, plena luz na minha consciencia—á semelhança de um candeeiro de gazolina, cuja intensidade illuminante atinge o máximo ao cabo de 52 compressões com a bomba de ar... Ah! aquella rapariga—que tem faces de Nuremberg e espáduas de Viana do Castelo—aproximou-se, por intuição da verdadeira poesia, que existe independentemente de fórmulas, de medidas, de cadencias monótonas e obsessivas como o barulho que faz, a andar, um alejado com perna de pau.

Agora, ás quintas-feiras, debruço-me com interesse sobre o quintal do rés-do-chão. Começo por ouvir o bater da roupa na tábua—como a batuta do maestro percuta no estante, criando a expectativa musical. Depois a minha vizinha articula com entusiasmo:

*Quem me dera já cá sábado
É domingo logo ao pé...*

Faz uma pequena pausa e, agitando na ceíha um *soutien-gorge*, clama:

*Para vêr o meu amor
A' tarde...*

Com delicia espero o bis, que não demora:

*Para vêr o meu amor
A' tarde...*

Transportado ás altas regiões da poesia, fecho a janela cuidadosamente—não a titulo de represália, como dantes, mas para que se não evolva o *á tarde*, cujas vibrações enchem a minha sala de jantar, fazendo estremeer as pratas de familia e a travessa de falanca que a Dona Emilia, minha madrinha, me ofereceu no dia em que cheguei á maioridade.

É isto parece-me um simbolo, pois agora atngi a maioridade poetica...

BASTOS GUERRA

Dez minutos
com

ANTOLOGIA POETICA

PATRIA!

(Excerto dum poema)

— A alegria de servir-te e amar-te
E' o pão que me sustenta e a minha Arte!
Divindade, beleza, esforço erguido
Ao serviço da vida, tudo quanto
Em Ti, é força ou humano sentido,
— Como vivo e respiro, sinto e canto.

— Assim,
Na prece calma, nos curvêros bravos,
Em toda a hora, plácida ou fremente,
— Dos meus egoísmos fiz os teus escravos,
E dominas em mim!

Pesa-me apenas, sófro esta ansiedade,
Só me aflige, tortura um pesadêlo:
— Amar-te tanto sem poder dizê-lo,
Melhor que em vozes vagas, — modelando,
Na febre heroica, no desvaio belo,
Actos de eternidade!

Agora é noite para alguns, parece,
E o mundo uma ruína.
A hora que passa desolada e incerta...

Mas que nova ternura em mim floresce,
Num arrebol de nova descoberta?
Que nascente divina
Ou que séde maior de pura oferta?
Que novos horizontes se ilimitam
Ao meu olhar? — Que rútila esperança,
Por entre sombras, para mim avança?

Que adúcias novas fremem, ressuscitam
Na minha devoção?

Pátria, — desconhecera-me... A agonia
Da antiga fé perdida viu-te morta.
Se vacilas e soltes o que importa?
— O Calvario tem sempre uma aleluia,
Uma ressurreição!

Eis que pressinto a Primavera, viva
E em flor, no canto que trespassa a bruma!
Freme na terra a força primitiva,
O Oceano estremece, alvo de espuma!

E, alvoroçado, corro a Ti, tremente
De ternura e emoção!
— Acolhe-me em teu seio, ó Mãe, — consente,
Deixa-me repousar nesse regaço
Em que depuz, p'ra sempre, a minha vida
Numa oferta serena.

Deixa-me repousar... Não do cansaço
Pela estéril tarefa mal servida
E uma inútil, revoltada pena...

Mas só para, ao calor do teu abraço
Maternal e celeste,
Balbuciar, resar, enternecido,
Uma oração maior!

E lembrar, orgulhoso, o que me deste
Quando, em tuas entranhas concebido,
Esta esp'rança, este sonho e a séde infinda
Que me alimenta e exalta, eram ainda
Aspiração longínqua, amanhescente,
Névoa de Amor, ansia de Amor sómente;

Eis-me no teu regaço, aconchegado...
Cai a sombra do céu como um perfume
Sobe duma flôr morta, — extasiado...

Embalador, teu gesto diz, resume
A alegria auroral do Sol nascente,
A ternura e a emoção da Vida toda...

Abrem flores, na sombra, á nossa roda...
Tudo em nós é envolvimento e luz de aurora
Quando sorris... E a tua voz, brandinha,
Materna, embaladora,
Murmura uma canção de berço agora...

Na meiga voz perpassam maravilhas...

A voz clara e pobrinha
Como o teu olhar puro!

A canção que adivinha
E constrói o Futuro,
Abre uma nova Idade!

Canção de berço, afeição que quilhas
De naus e arados... Navegar, lavar!
Pátria!

E, de novo, a tua mocidade
Se transfunde em meu corpo modelado
Pela montanha e pelo mar!...

Cantas! — Já no meu sangue acorda, corre
O fogo eterno, a vida que não morre!
Energias sepultas amanhecem!
As minhas veias fremem, estremecem
Como as cordas retesas duma lira
Sonorosa e sublime!

1925.

Augusto Casimiro

Sousa Costa

Sousa Costa é das figuras gradas da nossa literatura. Tem uma obra e um nome, de resto merecido.

As suas primeiras obras foram saudadas como uma revelação.

Muitos viram no escritor se não um discípulo de Eça, pelo menos, alguém que lhe seguia a escola, descrevendo admiravelmente os tipos e os amores desta casquinha e equivooca Lisboa. Sousa Costa, sem se firmar á direita, nem á esquerda literaria, mas no centro, com independencia nobre, em poucos annos, um documentario vivo, palpitante de interesse sobre as lutas politicas, em Portugal, das ultimas decadas. Não accusa narra com estrita imparcialidade. Servindo-se das suas admiraveis qualidades literarias, faz historia e romance, ou antes historia romantizada. O seu ultimo livro *Heróis Desconhecidos* collocou-o no primeiro plano da actualidade.

— Como trabalhava?

— Faço a construção, *in mente*, do romance ou chronica. Depois fixo-a no papel — de manhã, das seis, sete horas em diante...

— De qual dos seus livros gosta mais?

— Daquelle de que o grande publico gosta menos — *Resurreição dos Mortos*, sinthe dramatica da vida formidavel do Alto-Douro.

— As suas predilecções literarias?

— Não cabem em quatro linhas. E citar umas, sem referencia a outras, seria mais deoatros para mim do que para as omittidas. Já vê — apesar do meu metro e oitenta, fora a caberia, não me julgo a occupar tanto espaço que isto não dê para numeroa e nobre familia.

— A proposito do seu ultimo livro — *Heróis Desconhecidos* — qual a determinante dos seus livros de caracter historico?

— A minha ingenuidade. Repugnancia pelas paixões politicas e horror peios excessos de tais paixões. No periodo agudo das incursões monarchicas escrevi o romance *Coração de Mulher* — projecção das tragicas consequencias da Penitenciaría como castigo do delicto politico, na infantil ingenuidade de abrandar os impulsos sectarios. O *Dezembrismo*, e o choque dos seus odios de seita, correspondem cronologicamente á composicão da *Resurreição dos Mortos* — tema que me poz em contacto com os Brandões e os Marquis, trabucqueiros sinistros da Beira, filhos familias dos odios politicos da sua época e do seu meio. Daí, o livro *Páginas de Sangue*, (*Brandões Marquis & C.*) — em tom de aviso aos politicos do Dezembrismo. Tenham cuidado! Não ponham as feras á solta! As mesmas causas, os mesmos effeitos...

— Mas as feras vinham a ser soitas desde o Regicídio, por monarchicos e republicanos. E em 19 de outubro confirmaram estrondosamente a legitimidade do acto. Por isso, fungueiro, encontrando-me dois dias depois dos morticidios do Arsenal, intimou-me a escrever o 2.º volume das *Páginas de Sangue*. E escrevi de facto o 2.º volume, *Páginas de Sangue* (*Butas, Costas & C.*) — prova real da operação parellala e somada no volume anterior.

— O ultimo livro, *Heróis Desconhecidos*, é um acto de desagravo em nome da terra portugueza — a evocação dos bons, dos fortes, dos gigantes que se expuzeram á mestrilha, tambem no desvaio das revoluções, mas estes por bem, a favor de amigos e inimigos...

— Qual a objectividade desses trabalhos?

— Ingentamente... endireitar o mundo. Como se fosse possível endireitar o que nasceu torto...

— Tem alguma obra em preparacão?

— Tenho. Um novo romance. A minha obra prima. A obra que se vai fazer, a ultima, é sempre a primeira... antes do pau de fiteira no seu lugar.

POMBOS CORREIOS

● Vitorino Nemezio publicou agora, em francès, com o título *Voyelle Promise*, uma admiravel colectanea dos seus poemas.

● No ultimo numero da *Presença*, José Regio comenta o depoimento literario de Rodrigues Migueis, aqui publicado.

● *Estetica de Lisboa*, assim se denomina o recente livro de arquiteto e professor Paulino Montez. Trata-se de quatro admiraveis estudos: *Formação da Urbe*, *Traça contemporanea*, *Sector Monumental* e *Plano de Urbanização*, que documentam a cultura e o alto espirito estético do autor.

● A resposta do sr. dr. Alfredo Pimenta ao Inquerito literario publicada no ultimo numero deste *Suplemento* constituiu, pode dizer-se, o assunto dominante dos melos literarios, na

semana passada. Destacamos, especialmente as referencias feitas pelo *Fradique* e a resposta do sr. dr. Alfredo Pimenta publicada na *Voz*.

● Livros recebidos: *Esta é a verdade sobre Salazar*, de Henrique Cabrita; *Amores de Bocage na India*, de José F. Ferreira Martins; *Consultorio Psicológico*, de André Brun; *Ruas de Lisboa*, de J. J. Gomes Brito; *Garcia d'orta*, de Augusto d'Esaguy; *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, dirigido por Henrique de Vilhena, volume XVI; *Marracuene*, de Lourenço Calolia; *Dombos*, de Henrique Galvão; *A campanha do Bailundo*, do Marquês do Lavradio; *Do Crime e da Loucura*, de A. Vitor Machado; *Da hora que passou*, de J. A. Fernandes; *Revistas: O Mundo Português*, *Portucalae*, *Broteria* e *Revista de Guimarães*.

● Intitula-se *Galeria de Retratos*, o livro que o escultor Diogo de Ma-

cedo vai publicar com as suas impressões de arte.

● As edições Gleba lançaram agora no mercado, uma novela de Jorge Antunes: *Nem só de pão vive o homem*.

● Saiu o estudo sobre *D. Sebastião* do illustre professor sr. dr. Queiroz Veloso, que é um obra invulgar de erudição e de analyse historica, a que oportunamente nos referiremos, com o devido relevo.

● Pio Baroja, socio da Academia Espanhola, foi all recebido no passado dia 12, tendo pronunciado um notavel discurso, a que respondeu Gregorio Marañon.

● O illustre poeta Augusto Casimiro vai publicar, na Editorial Cosmos, um livro sentido de evocação.

● Livros portuguezes, que se venderam mais durante a semana: *D. Sebastião*, do dr. Queiroz Veloso e *Touros de Morte*, de Bernardo Mesquita.

● Livros francezes: *Quinze ans de combat*, de Romain Rolland e *Dossier de police*, de G. Le Notre.

● Julio Brandão, publicou agora com o título: *Galeria de Sombras*, as suas «memorias e outras paginas», livro admiravel de evocação.

● Recebemos a revista espanhola *Pan*, dirigida por J. O. Espasandín. Trata-se duma notavel publicacão cultural, dum grande interesse de leitura.

UM LIVRO PARA TODOS

ARTE DE ESCOLHER ESPOSA

por PAULO MANTEGAZZA

1.ª parte do livro "Problema do casamento, — 1 VOL. 800

Pedidos á Livraria Classica Editora — P. RESTAURADORES, 17

PANORAMA LITERARIO PORTUGUES

Joaquim Paço d'Arcos

afirma que a literatura moderna se libertou das formulas arcaicas mas não soube substitui-las



Dr. ARCOS

Joaquim Paço de Arcos começa por dizer:

—Antes de mais nada permitam-me frizar a dificuldade em que me colocam, pedindo o meu depoimento num inquerito em que depuzeram, entre outros, o prof. Henrique de Vilhena, Antonio Sérgio ou o dr. Alfredo Pimenta.

«Eu possuo a noção exacta das distancias e não me acusa a consciencia o peccado de contribuir para a nefasta nivelção e confusão geral de valores, tão corrente entre nós. Se não fôr interpret a attenção do «Diario de Lisboa» como o desejo de ouvir novos e velhos, consagrados e principiantes, hesitaria em responder a este inquerito. Assim...

—Quais as caracteristicas da actual literatura portuguesa?

—A literatura criadora está em plena crise; libertou-se de fórmulas arcaicas mas não soube substitui-las. Não encontram rectrices a nocte-lá nem lhe veio uma finalidade superior. Considerando embora o excessivo por que pecaram as escolas que nos antecederam, não devemos esquecer o fundo de beleza que nelas havia, isto é, o que em todas houve de comum e que é a essencia do classicismo. Não o devemos esquecer... mas esquecem-nos todos os que se apresentam consumidos pela febre da inovação. Não nos compete destruir mas sim renovar e não vejo nem obreiros nem materiais em numero e qualidade á altura da missão.

—Foda definir-se uma escola? Marcar valores?

—Sob o ponto de vista rigorosamente literario não se podem definir escolas. O que há são capelinhas.

Revelam-se tendencias mais dispersas. Valores existem mas isolados e prejudicados no favor do publico pelos falsos valores.

—Formas literarias?

—Falo contra a minha propria geração mas escusaria-lhe, na maior parte dos casos, a verdadeira originalidade. Distarça essa carencia com as fúteis acrobacias duma pretensa originalidade em que há muito de exhibicionismo á mistura com impotencia criadora.

—Rejuvenescimento ou crise?

—É inegavel a crise mas confio que será mais consequencia da hora que vivemos, do materialismo que impera e da subversão total de principios e valores do post-guerra, do que decadencia irremediavel. Os horizontes espirituais já estão menos confusos e sempre há meia duzia de idéas basilares que perduram e que nos fazem crer que não regressaremos á Holentócia e que, não dividindo também o Progresso, encontraremos o equilibrio que permittirá, reflexivamente, a existencia e o norteamento duma literatura rejuvenescida.

—O valor da poesia? O materialismo restringiu-lhe a expressão? Novas fórmulas poeticas?

—A poesia foi sempre, entre nós, a expressão mais corrente mas tambem a mais

Joaquim Paço de Arcos é, na nossa literatura, um valor independente. Não tem filiação mental. Moço ainda, fez em terras longinquas, demorados cruzeiros. Deve ter percorrido dois terços do planeta. Culto, duma larga visão, europeu de sensibilidade, Joaquim Paço de Arcos é um escritor de raça, que domina admiravelmente a lingua, arrancando-lhe os melhores tesouros da forma e do estilo.

Talvez o publico não tenha fixado ainda bem o nome dele, que não ressoa, como tantos, de bem menos valor nas doutrinas chamareladas da fama. Enquanto os outros cruzam a via publica, para que sejam vistos e admirados, Paço de Arcos, no seu gabinete, trabalha numa intensa vigilia espiritual. O seu primeiro livro intitula-se Patologia da Dignidade. É uma obra de polemica, vibrante de emoção patriótica, que provocou sucesso, firmando o seu autor no mundo das letras, como um escritor de pena vigorosa.

Apareceu depois o Herói Derradeiro, romance, que embora tenha objectivos evidentes de critica a determinados aspectos da administração colonial, como materia literaria marca uma escola e uma personalidade. Paço de Arcos maneja, primorosamente o estrochio, em linhas decisivas, grava em linhas nitidas as suas personagens — e dá-nos uma obra á clor, de bela estrutura, em que todas as partes: descritivos, dialogos, ambientes, drama humano, têm as devidas proporções.

Eis como nasceu o romancista. As viagens e amores de Pedro Manuel, recentemente publicado, não sendo um livro marcado de intenções é outra grande victoria literaria de Paço de Arcos. Repare-se no portuguesismo do herói, na sua observação fresca e viva, no seu estilo fluente, gracioso, na arte de animar as paisagens e de fazer viver as personagens, na sua exacta substancia emocional. Paço de Arcos será um dos grandes escritores do futuro. Calmo, sereno, ele assiste á polemica literaria como uma testemunha, que se impressionasse apenas com a perdia.

Vêja-se o seu depoimento de hoje, dum admiravel raciocínio, bello esforço de intelligencia e de compreensão que merece ser apreciado e meditado.

elevada da sensibilidade portuguesa. E eterna, embora com periodos de maior fulgôr, que outros e se, desde os Cancioneiros até aos nossos dias, tem sido a manifestação mais alta do espirito lusitano. Não creio que esteja morta nem que o materialismo consiga reduzir-lhe a expressão. Tornou-se exclusivo de poucos e raros lhe compreendem o encanto, mas perdurará e falará dos nossos tempos ás gerações vindouras mais do que a literatura policia e cinematográfica que faz a fortuna de certos livreiros.

«Portanto não creio que o lirismo português tenha morrido com Guilherme de Faria, como afirmou o dr. Alfredo Pimenta. O Guilherme, o pobre e querido Guilherme dos meus tempos de rapaz, não levou consigo, naquella algida manhã do inverno de 29, o estro que oito seculos v.brou. O lirismo português, que vem dos Cancioneiros, não se suicidou com o poeta da «Saude mizina». Das mãos desse genial rapaz e dos que o antecederam outros o herdaram e o transmitirão.

—Novas fórmulas poeticas?

—Existem, mas algumas afastam-se tanto da verdadeira poesia que apesar de todos os esforços e dos balões de oxigenio que de tempos a tempos lhes insufflam não conseguem sobreviver aos seus criadores.

«Os moldes classicos e a métrica nunca foram algumas da verdadeira inspiração. Nesse caso, o desprezo a que são lançados revela muitas vezes impotencia criadora ou insuficiencia de expressão.

«Dos nossos poetas Corrêa de Oliveira reflecte como nenhum outro o sentimento lusitano, a alma religiosa da raça e como seu intérprete perdurará enquanto a lingua existir; Pascoas exprime na sua obra

todas as angustias do pensamento humano. Eugenio de Castro atingiu na forma o maximo da perfeição e a maior beleza. Cite no mesmo plano Mario Beirão e Faustino Guedes Teixeira.

—O romance tem cultores de envergadura? Acompanha os problemas que se debatem na literatura estrangeira?

—Segundo afirmou o dr. Alfredo Pimenta, todos nós, os que nos lançamos a escrever romances depois de Malheiro Dias ter quebrado a pena de romancista, somos grotescamente idiotas.

«Felizmente, como até hoje só publicou um romance e umas novelas, devo ser, proporcionalmente, visto que o apodo fo. genérico, menos idiota dos que os que têm a responsabilidade de varios ou muitos, como Ferreira de Castro ou Aquilino... Sinto-me em honrosa companhia...

«Som tombaros nos exageros em que caiu o dr. Alfredo Pimenta, reconhecamos que o romance está em crise em Portugal. Aquilino, principio de prodador, consiata admiravel, não pode ser considerado romancista completo. Contudo a sua obra, *suí generis*, ficará na literatura portuguesa como monumento de pedra rija que a facil verrina não poderá demolir. Ferreira de Castro tem na «Selva» o melhor romance português contemporaneo.

«Duma maneira geral, porém, o romance enferma dos males que apontei ao responder á sua pergunta: Rejuvenescimento ou crise?

«Devo porém salientar que, embora não tenhamos ainda uma literatura colonial de grande valor, tem no entanto surgido nesse campo uma produção que espelha as preocupações ou as ansiedades do momento.

Leilão da Bibliotéca do dr. Manuel de Sousa Pinto

Continua hoje e amanhã, na Casa Liquidadora, Av. da Liberdade 133, o leilão da primeira parte da interessantissima bibliotéca do Dr. M. de Sousa Pinto, organizado e dirigido pela Livraria Manuel dos Santos. A segunda parte será leiloada na semana de 27 do corrente, estando o catalogo no prelo.

Para informações, encomendas e distribuição de catalogos, na Liv. Manuel dos Santos, L. do Calhariz 14. Telef. 28477.

Automoveis sem chauffeur
Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

ESTORIL
PALACIO HOTEL

Desconto de 20 % sobre os preços de quarto e pensão durante os meses de maio a julho.

Letam ás quintas-feiras o jornal humorístico o «SEMPRE FIXE»

Dr. Armando Narciso
Clinica medica

PRACA RESTAURADORES, 48, 1.
Te. ef. 21738

DR. MIGUEL DE MAGALHAES
Monitor da clinica de Necker — Paris

RINS e vias urinarias—Venereologia e sífilis.—T. N. de S. Domingos, 9, L. ás 15 horas—Telefone 2 962

—Há, de facto, em Portugal, ambiente que favoreça o fenomeno literario?

—Não. O ambiente é austriano. A indifferença do publico para o qual o foot-ball e o cinema são tão bastantes para o espirito, há a juntar as dificuldades que rodeiam a industria litteraria e o facciosismo das panelinhas.

—Focos de idéas ou escolas novas?

—Houve dotes movimentos opostos: o da Renascença, prolongado e ampliado pela Seara Nova, que exerce ainda no nosso meio uma influencia intelectual não extensa mas profunda. Esta influencia é, porém, mais politica e social do que literaria. Os seus dotes valores literarios mais representativos: Raul Baudão e Teixeira Gomes, já tinham uma obra que os impunha quando este movimento surgiu.

«O movimento oposto: o Integralismo Lusitano tem a seu favor o defender algumas idéas (não todas) mais conformes com as tendencias da época e que estão tendo applicação pratica em algumas experiencias politicas, entre ellas a nossa. A sua influencia litteraria revelou-se sobretudo no campo da critica historica.

«É lamentavel a falta duma verdadeira cultura catolica em Portugal, indispensavel a uma nação seculamente catolica e civilizada. Tambem nesse campo existem alguns valores, mais isolados. Destaca-se a acção exercida em Coimbra pelo actual cardinal patriarca e, embora distanciada do grande publico, a acção meritoria da revista Broteria.

—Lê-se mais? O que se lê e o que se devia ler?

—Lê-se talvez mais mas principalmente essas herdiciadas traduções brasileiras de obras norte-americanas e quejandas leituras de idéatica elevação. E isto, infelizmente, em todas as classes, até naquelas que deveriam possuir maior grau de cultura e maior curiosidade intelectual. É desolador mas siga o meu conselho: não ouso falar dum livro num salão de Lisboa; respondem-lhe com o *mah-jong*. E dê-se por muito feliz...

—A critica e o ensaio?

—Eis duas modalidades que têm tomado em Portugal nos ultimos vinte annos um incremento notavel.

«Ricardo Jorge, Agostinho de Campos com a sua obra de «Analogia», Cortejo, Joaquim Bensaude, Caetano Beirão, etc., una na critica historica, outros na historico-litteraria, outros ainda no Ensaio, como Sergio, Fidelino de Figueiredo e recentemente João Ameal, foram pléide de cujo labor nós podemos justamente orgulhar. São eles que salvam a honra do convento.

—Pastoriza geral?

—Está descrito, o melhor que pude, nas respostas ás suas perguntas anteriores. É, duma forma geral, desalentador. Aqui e ali arguem-se villos de merito real, mas custa a vislumbrá-los, tal o espaço que occupam, em toda a extensão do horizonte, os que do berço á cova serão sempre nulidades ou atleast especie de consagrados que á sombra do nome adquirido na mocidade—quando possuíam probidade mental—vêm periodicamente presentando o publico com produções que eu, principiante, me envergonharia de subrevert.

«Duma banda e doutra, divididos os campos literarios pela ideologia politica, uma tal azafama na troca de insultos, por questões a mór parte das vezes de *lana osprina*, que não lhes sobeja tempo para a obra que projectam escrever. Uma finalidade politico-social inspirando a obra dum escritor pode engrandecê-la e dar-lhe coesão. Mas a politica cavando trincheiras e enguendo odios, deformando os primarios, pelos quais nos julgamos uns aos outros, subordinao as consciencias, é chaga depauperando uma literatura já de si atrofiada por motivos de diversas ordens.

—O que será de tudo isto?

—Já o disse o dr. Alfredo Pimenta, lavrando com implacavel fereza a sentença da m'ha geração: «Que ha a esperar desta mocidade, se ela não se deixa vencer pela humildade, que é a maior virtude do sabio?»

«Del-lhe plena razão, a ponto de fazer a mim proprio, pela vez primeira, esta pergunta legitima.

«Como poderá o dr. Alfredo Pimenta ser o sabio que eu até aqui supunha, se para tal lhe escasseia em absoluto a maior e a principal virtude?

O CINQUENTENARIO DA SUA MORTE

Victor Hugo

A sua influencia na literatura portuguesa

Ces êtres sont plus que des hommes et moins que des dieux.

EMIL LUDWIG

Passa, no proximo dia 22, o cinquentenario da morte do maior vulto literario do seculo XIX. A sua memoria rende-se, ainda, grande culto. E' a multidão, que consagra, conservando o interesse e a admiracão por uma obra. E' o caso de Victor Hugo. Não foi o marmore de Rodin, nem o bronze de Barrias, que perpetuaram a sua figura para a posteridade. Foi a veneraçãõ dum povo e a idolatria duma geraçãõ que lhe levantaram um monumento imprecavel.

Victor Hugo foi o segundo termo do binómio da sua época, esse «inconnu» que ele mesmo annunciava quando definia ser cada seculo um «a-b», o homem de acção mais o homem de pensamento, que se multiplicam um pelo outro, examinando o valor do seu tempo. O homem de acção, mais o homem de pensamento; o homem de civilizaçãõ, mais o homem da arte.

Lutero, mais Shakespeare; Richelieu, mais Corneille; Cromwell, mais Milton; Napoleão, mais o desconhecido.

Victor Hugo, «selon la mystérieuse algèbre de la Providence», completou a formula geral do seculo passado, nas suas aspirações, nos seus arrebatamentos, nos seus entusiasmos generosos, na sua fé no Progresso e na Civilizaçãõ. Sempre pronto a rebelar-se contra a tirania, foi um ardente paladino da justiça, vibrando perante as novas conquistas humanas—no seu sentido mais profundo. Assim, quando, em 1867, Portugal aboliu a pena de morte, ante as insistencias de Aires Gouveia, na Camara, o autor de «Le Dernier Jour d'un Condamné», «Claude Gueux» e «Fragment sur la peine de mort», escreveu esta bela carta a Eduardo Coelho, que lhe comunicara ter lido «uma das colunas de edificio social do passado: o carrasco».

«Está, pois, a pena de morte abolida nesse pobre Portugal, pequeno povo que tem uma grande historia. Penhora-me a recordaçãõ de honra que me cabe nessa victoria. Humilde operario no progresso, cada novo passo que ele avança me faz pulsar o coração. Este é o sublime. Abolir a morte legal deixando a morte divina todo o seu direito e todo o seu misterio, é um progresso augusto de entre todos. Felicitó o vosso Parlamento, os vossos pensadores, os vossos escritores, os vossos filosofos! Felicitó a vossa Nação. Portugal dá o exemplo á Europa. Desfruta de antemão essa imensa gloria. A Europa imitará! Odio ao odio! Vida á vida! A Liberdade é uma cidade imensa da qual todos somos cidadãos. Aperto-vos a mão como ao meu compatriota na humanidade».

E' curioso notar que muitos escritores portugueses, do seu tempo, tiveram correspondencia com Hugo. Um deles foi Brito Aranha.

Evidentemente, apreciemos a influencia do grande chefe de escola romantica sobre a literatura portuguesa e brasileira, que muito interessa saber.

Verifica-se um paralelismo consideravel em ambas as literaturas neste capitulo. Eça diz: «suponho que a influencia de Hugo, entre nós, se manifestou sobretudo na imitaçãõ daquilo que mais nos importa como meridionais— a forma, a imagem, a maneira luxuosa de enroupar a idéa... Homens voluptuosos do pais do sol, amando principalmente os sons e as cores, não poeta admiramos apenas o brilho do verbo no que ele tem de mais material; por isso, com Hugo, aplicamo-nos principalmente a arremedar o modo estridente e lampejante de chocar: a antiteses».

Da sua influencia no Brasil, Silvio Romero escreve: «Antes de tudo, releva ponderar que a acção de Victor Hugo foi meramente exterior, simples questãõ de forma». Este mesmo severo critico escreveu, ainda, quando o húngarismo atingiu o apogeu com a obra de Castro Alves e de todos os «condoreiros»: «A falta de sentimentos e de idéas foi suprida pela fantasmagoria de uma linguagem enpolada e gonorica».

Apesar destes extremos, verdadeiros «efeitos», o certo é que o romantismo veio tornar as literaturas mais flexiveis e mais humanas.

Mudaram-se os métodos — atingiram-se outras finalidades.

No Brasil, por exemplo, foi o quebrar dos elos que ligavam todas as manifestações literarias á metropole.

Lamartine e Byron, antes de Hugo, exerceram

uma acção benefica entre os poetas brasileiros. Esta natura das tradições veio facilitar a edicãõ do regionalismo e da literatura nacional brasileira, interessando-a pelas manifestações politicas e sociais, no seu sentido universal e nas suas conveniencias nacionais.



VICTOR HUGO

Em Portugal, como no Brasil, houve hugolatrias. De Guerra Junqueiro são estas palavras, em resposta a um pedido de Fernando Leal para que consagrasse uma ode ao Mestre: «... Pegue você numa tonelada de bronze de canhões, já acostumado a rugir, funda-o num clarim monstruoso; diga á tempestade—Sopra-lhe!— e terá você o primeiro verso da ode a Victor Hugo. «Arranje em seguida outro tonelada de ouro, derreta-o em outro clarim; diga a uma alvorada deslumbrante—Sopra-lhe!— e terá você o segundo verso do poema».

«Finalmente diga ao mesmo tempo a cem crianças:—Ride!— a cem «côtoivos—cantall— a cem estrelas d'alva:—brillall!— e terá você o terceiro e ultimo verso da epopeia».

«Organize no alto do Sinal um terceto em que o tenor seja Izalas, o baritono Homero e o contralto Venus, com os cabelos de ouro ainda orvalhados pela musselina avilissima das ondas do mar da Jónia— terá você um côro olimpico digno do autor dos «Châtiments», do «Sátiro» e das «Canções das ruas e dos bosques».

Em Portugal podem apontar-se mais autores que foram influenciados pelo genio de Hugo. Podemos considerar Alexandre Herculano como um espectador atento ao exito dos romances historicos de Walter Scott e de autor dos «Miserrables». Diremos até que Hugo orientou o chamado movimento realista, descontentando, aparte o patente, é claro, influxo posterior de Flaubert, Zola, Leconte de Lisle, Faine e Renan. Parece paradoxal ter sido esse movimento introduzido, entre nós, por um dos romanticos. Deve-se isto á falta de criticos e duma obra anterior, extensa e profunda, que constituisse um ponto de partida para uma nova estese— como opina lucidamente Pichello de Figueiredo. De facto, a geraçãõ de 1865 manifesta uma filiaçãõ franceza indistinctiva.

E' conhecida a influencia de Hugo na sociedade de Eça de Queiroz, testemunhada por Batalha Reis e pela sua propria confissãõ: «Fui realmente criado dentro da obra do Mestre— como se pode ser criado numa floresta».

O grande Guerra Junqueiro, pelas suas tendencias sociais, pelo seu lirismo épico, pelo uso magistral do alexandrino e, até, pela sua muita admiracão pessoal, enfileira entre os seus continuadores, embora dos mais originaes.

«Visão dos «Tempos», de Teófilo Braga, é inspirada na factura da «Légende des Siècles». Guilherme de Azevedo, muito inspirado em Baudelaire, representa ainda o estilo de Victor Hugo, como nas «Radiações da Noite».

Em Guilherme Braga é típica a influencia húngara. Linguagem declamatoria, largos alexandrinos, apostrofes e lirismos, indole politica e

culto por Napoleão, formam o substractum da sua poesia, ressonância da voz do bardo gaulês. Sobre um livro de Victor Hugo, diz:

«Não sei que estranho ardor, se leio Victor Hugo, O autor das «Orientais» me traz».

O pouco lembrado Gomes Leal, revela nas suas vigorosas «Claridades do Sul» uma maneira húngara. Claudio José Nunes imitou muito o Mestre e inclue-o, até, na sua poesia.

«E' Hugo a mãe; a voz agreste a social».

Muitos outros poetas ainda acusam reminiscencias do Mestre,— uns presos pela contemporaneidade das suas indignações e devaneios messianicos; outros, cativos no que ha de eterno nos murmúrios e soluços das suas estrofes.

No Brasil, foi o inspirado e talentoso Tobias Barreto quem começou o movimento, que viria a ser atribuído quasi exclusivamente a Castro Alves, poeta mais audacioso, mas de não menor talento.

Tobias Barreto, por volta de 1861, leu com frequencia os romanticos, preferentemente Quinet e Hugo, e, deste, sobretudo, «Les Contemplations» — o seu mais humano «recueil» de poesias. Desde então abandona quasi a sua personalidade e entusiasma-se pelo brilho da poesia europeia, que chegava á terra brasileira como uma vaga majestosa e lenta, morrendo muito tardiamente e bem longe dos primeiros estrelecimeios originarios da nova maré lirica.

O Atlantico fóra para eles o que os Pirineus foram para nós. Enquanto o sópro olimpico se demorava pelos reconcados da cumecada agreste, arrastando-se por toda a Meseta até espiralar-se na costa atlantica— o berço da nova inspiraçãõ balouçava-se vagarosamente na amplitude oceanica, que iria despertar o ultimo eco á mais ao sul, num formoso arco de harmonia e comunhão, ligando dois hemisferios.

Tobias Barreto denuncia estas influencias em «Dias e Noites», em «Vãos e Quedas», canto filosofico inspirado na forma de «Os Magos», de Hugo. Na propria eloquencia em que foi bastante vitorioso, a orientaçãõ alheia é acentuada.

Talentoso chefe de escola — a condoreira — de imaginaçãõ brilhante e de terno sentimento, confessou, como tantos outros:

*E' a noite quando medito,
Quando as lagrimas enevoam
No fogo de um verso de Hugo.
Meis aureolos que um trofeu.*

Mas, como prototipo da influencia de Victor Hugo, apparece-nos Castro Alves, que a exerceu, por sua vez, sobre outros poetas.

As suas «Espumas Flutuantes» são a estelara duma corrente em que navegam Carlos Ferreira — em «Rosas Loucas» — Mucilo Teixeira — em «Clarões e Sombras» — e Elzeário Pinto — em composições soltas.

Espirito aguilard, a sua poesia, a par dum lirismo simples, é uma tribuna, castigando os verdugos e os oppressores, como no «Poema dos Escravos», de sentido social, humano.

Vitoriano Palhares, em «Centelhas e Peregrinas», é um húngarino, como tambem o foram José Jorge de Siqueira Filho, Pedro Ribeiro Moreira, Plinio Xavier de Lima, Antonio Alves de Carvalho, Pedro de Calasans e Ramos da Costa.

Melo Moraes Junior é tradicionalmente incluido no condoreirismo. Luiz Delfino dos Santos imitou frequentemente Victor Hugo, num estilo artificioso, que veio a abandonar. Luiz Guimarães Junior, sem ser um perfeito condoreirista, regista, no entanto, influencias.

Ha ainda os nomes de Castro Rebelo, Altino de Araujo, Magalhães, Felix da Cunha, Gonçalves Dias e Alvares de Azevedo, que tanto se inspiraram na obra desse «homem sublime» como lhe chama nestes versos:

*Na minha sala três retratos pendem:
Ali — Victor Hugo, Na lava fronte
Erguido lúmen os cabelos louros
Como crôa soberba. Homem sublime,
O poeta de Deus e Amores puros.*

Fechemos com as palavras do proprio poeta, que são o sentimento da posteridade: «on doit de la reconnaissance aux hommes dont les œuvres et les actions font battre noblement le cœur».

ADRIANO DE GUSMÃO

★ PANORAMA INTERNACIONAL ★

O jubileu

A Inglaterra festeja o jubileu de Jorge V. Todo o mundo aprecia a sinceridade e a unanimidade das manifestações que os subditos de S. M. Britânica organizam em sua honra. Ha nelas uma tal vibração e um tal entusiasmo, que se justificam todas as homenagens que, por virtude delas, a humanidade está prestando ao soberano inglês. E entretanto poucos períodos da historia da Grã-Bretanha, terão sido, como o que acaba de completar-se, feteis em desgraças, em desluses e em arrependimentos. Com a subida ao trono de Jorge V coincidiu o agravamento da luta entre os dois partidos tradicionais da politica inglesa, luta que teve os seus episodios essenciais na proclamação da autonomia irlandesa e na civilização da Camara dos Lords. Ainda os ecos dessa luta não se haviam apagado, e já surgia a ameaça do imparcialismo germanico e da esquadra construída por Tirpitz.

Quatro anos depois de se iniciar o reinado de Jorge V rebentou a grande guerra que se prolongou até ao fim de 1918. Assinada a paz, renovada a actividade tradicional dos agrupamentos politicos, verificou-se que um deles, o partido liberal, havia perdido uma boa parte das suas forças que transitaram para o trabalhismo. Os socialistas ganharam alento e, em certa altura, tomaram conta do poder. Entretanto surgiam as duas calamidades que quasi iam arruinando a economia da grande nação inglesa: desemprego e desvalorização da libra.

Só a constituição, em 1931, dum gabinete de unido nacional com representantes dos conservadores, dos liberais e dos trabalhistas nacionais veio opôr um digue á queda que se annunciava vertiginosa. Mas a nação está ainda longe de haver reacquirido a posição que durante muito tempo occupou gloriosamente.

Isso não impede os ingleses de festejarem ruidosamente o seu rei, a quem muito querem. Para eles, o monarca simboliza um principio indissolvelmente ligado ao seu proprio destino. E, com a sua fleugma habitual, consideram que as desgraças que não poupam a sua ilha privilegiada, se alongam tambem ameaçadoras sobre o continente, se adensam temerosamente sobre o resto do mundo. Razoão bastante para os alegrar no meio das suas desditas e dos seus desapontamentos.

Sobretudo na figura de rei, os ingleses continuam a ver a garantia suprema dum equilibrio e dum estabilidade que o funcionamento normal das suas instituições assegura e perpetua.

As festas do jubileu são, por isso, o resultante duma série de circumstancias felizes que o povo tem na devida conta, não se detendo arrastar por um pessimismo doentio, nem por um optimismo criador de miragens.

O rei.

Official de Marinha por vocação e por temperamento, Jorge V percorreu o mundo em viagens successivas de instrução e adexramento. Viu ainda os últimos lampejos da grande era victoriana, e assistiu ao desenrolar da mancha diplomatica que tinha seu pai como fulcro. Não se tendo revelado um espirito excepcionalmente brilhante, soube por isso mesmo evitar aqueles vicios perigosos da superficialidade e do dilettantismo que acabaram por vitimar seu primo, o poderoso Kaiser. Adquiriu as qualidades de ponderação e bom senso, essenciais para o desempenho do seu officio. Aplicou-as, quando foi chamado ao trono, com sobriedade e elegancia. Quantas vezes a sua intervenção pessoal resolveu, rapida, limpa

conflitos ou evitou desgraças? O depoimento dos homens publicos que em Inglaterra têm occupado funções de direcção ainda não

surgiu. Asquith, Lloyd George, Grey escreveram sobre a guerra, absorvidos pela idea de justificar a sua patria. Nenhum deles atri-

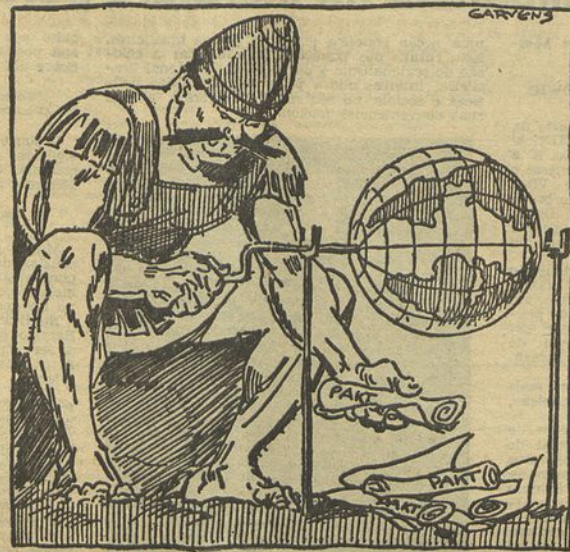
butu á personalidade do monarca o papel essencial que algumas vezes ella terá desempenhado, sobretudo nas questões de politica interna. E por isso difficil fazer uma apreciação fundamentada da acção pessoal do monarca.

Mas ninguém ignora que ele não abandonou o seu papel constitucional quando teve de dar nas prerrogativas dos lords um golpe fatal ou quando se viu na necessidade de entregar os seus estudos ao partido trabalhista. Como ninguém ignora que o seu prestigio contribuiu decididamente para determinar as attitudes de Ramsay MacDonald e de Snowden quando estes abandonaram o seu partido fundando o grupo socialista nacional.

Sob o ponto de vista externo, além dos esforços desenvolvidos junto de alguns dos seus mais proximos parentes antes de 1923, no sentido de evitar a guerra, são de registrar as suas tentativas pacificadoras depois de terminado o conflito mundial. Foi a Jorge V que o presidente Poincaré dirigiu a sua famosa carta, que ficou como um dos documentos essenciais para o estudo da historia da conflagração europea, solicitando o auxilio da Grã-Bretanha e invocando as razoes poderosas que justificavam o seu pedido. E' certo que a resposta, elaborada pelos ministros indecisos nas horas confusas que precederam a catastrophe, e assinada pelo rei, não deu inteira satisfação aos desejos manifestados pela nação franceza já ameaçada pela invasão. Mas nada autorisa a supôr que Jorge V deixou de cumprir inteiramente o seu dever, contribuindo quanto em suas forças cabia, para que a Inglaterra honrasse os compromissos que assumira.

• O S. João do Fascismo •

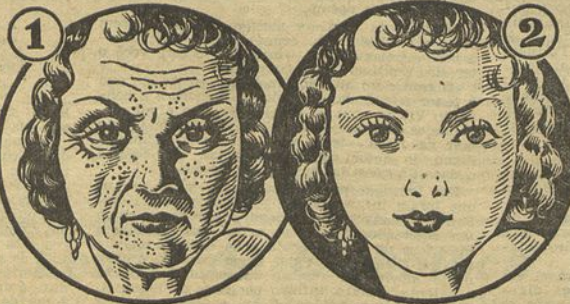
Curioso livro o livro de Aníbal que se intitula «Gabriel d'Annunzio, S. João do Fascismo». A vida do poeta celebre é ali contada sem hipocrisias, desde as suas loucuras de rapaz até aos arriscados e quasi cnicos lancez da época dos seus maiores triunfos. D'Annunzio nunca deixou de confiar na grandesa do seu genio e na resistencia e decisão da sua vontade. E com razão. Um dos mais acirrados inimigos do autor do «Fogo», Thorez, dizia dele, a proposito do poema «Luz», «Vilões: «é este, na realidade, o facto sobresummo, espiritual que tem sido feito na Italia depois de Dante». Se os inimigos julgam assim, como falarão os amigos dos tempos de esplendor? O tempo de esplendor, porém, não durou sempre. E, na Roma onde impuzera seus gostos, suas manias, seu dandismo, sua audacia, D'Annunzio viu-se um dia abandonado de todos, excepto de credores e de usurarios. Existencia simultaneamente desvalhada e equilibrada, porque, ora atirando, como adormecido, ora descendo a vertiginosas profundidades de miseria e duvida, acaba sempre por tornar-se harmoniosa e nobre. Quanto a ser S. João do Fascismo, a ter pedido, reclamado e anunciado um homem de pulso para governar e orientar o seu país—a prova disso ja-la Aníbal citando numerosas passagens de obras do Poeta, muitos anteriores aos primeiros gestos e discursos de Mussolini. O pior é que, como todos os profetas, viu o facto sobrepassar e transcender a idea. De tal modo que ninguém se lembrou acclamalo e consagra-lo pelos seus vaticinios. E vamos lá que teve muita sorte:—se alguma Salomé existisse a sua cabeça portentosa, talvez algum louco ha desseo... Hoje descansa longe do tumulto, um pouco olvidado das multidões, mas certo—o seu orguho não abdicou de gloria futura na memoria das gerações.



MARTE: — Emfim, tenho bom combustivel!

(do Kladderadatsch)

Senhoras! Quereis consagrar alguns escudos á vossa pessoa?



Que diferença por tão pouco!

Alguns escudos — é pouco — mas o suficiente para marcar um ponto decisivo na sua vida. Hoje, o mundo gerivo a todo o pingo a juventude — a juventude — sempre a juventude! Uma estrela de cinema perde 75 % dos seus honorarios logo que pareça velha. Ela perde já 50 % desde que a sua tez se estrague. O professor Dr. Stejskal, da Universidade de Viena, obteve de animais novos uma maravilhosa substancia embelezadora, chamada Biocel, que alimenta e rejuvenesce rapidamente a epiderme. No decurso de experiencias de nutrição da pele, feitas pelo Dr. Stejskal em mulheres de 55 a 72 anos, as rugas desapareceram no espaço de seis semanas. (Veja a descrição completa no Jornal Medica de Viena). Em oito horas produz frequentemente uma transformação da tez das mais surpreendentes — como se tivesse dado um bom almoço a uma mulher faminta e caindo de inanição. A primeira coisa que um cavalheiro lhe observa é a vossa tez. Se esta é feia, é

muito possivel que ele lhe não preste atenção. Uma jovem pobre e sem dote, tendo desposado um milionario disse que, se não tivesse a sua tez maravilhosa, pensa que seu marido nunca a teria notado entre tantas jovens tão belas. A notavel substancia embelezadora, descoberta pelo professor Dr. Stejskal está agora contida no Crème Tokalon, Cór de Rosa. Deverá applicá-lo á noite, antes de se deitar. Ele alimenta e rejuvenesce a vossa pele durante o sono. O Crème Tokalon, Cór Branco, (não gorduroso), deverá ser empregado de manhã. Contem o crème fresco e o azeite predigeridos. Alimentarão a vossa pele durante o dia. Contem igualmente um ingrediente tónico que fecha os poros dilatados, branqueia a pele e torna-a fresca e rija.

A' venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se á Agencia Tokalon (Secção D L) 83, Rua da Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.